

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MAGNO ANACLETO SILVA

ARQUITETURA SACRA: adaptações dos espaços litúrgicos da Diocese
de Nazaré pós Concílio Vaticano II

Recife
2023

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MAGNO ANACLETO SILVA

**ARQUITETURA SACRA: adaptações dos espaços litúrgicos da
Diocese de Nazaré pós Concílio Vaticano II**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares.

Recife
2023

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

S586a Silva, Magno Anacleto.
Arquitetura Sacra: adaptações dos espaços litúrgicos da Diocese de Nazaré pós Concílio Vaticano II / Magno Anacleto Gouveia. - Recife, 2023.
78 f. .: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2023.
Inclui bibliografia.

1. Espaço sagrado. 2. Igrejas. 3. Arquitetura sacra. 4. Liturgia. I. Valadares, Pedro Henrique Cabral. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

72 CDU (22. ed.) FADIC (2023.2-004)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

NOME DO ALUNO

**ARQUITETURA SACRA: adaptações dos espaços litúrgicos da
Diocese de Nazaré pós Concílio Vaticano II**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação Prof. Dr. Pedro Henrique Cabral Valadares.

Aprovado em 19 de dezembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

(Pedro Henrique Cabral Valadares. Doutor, Faculdade Damas)

Orientador(a)

(Maria de Fátima Xavier do Monte Almeida. Mestre, Faculdade Damas)

1º Examinador(a)

(Nome, titulação e instituição)

2º Examinador(a)

Dedico aos 25 anos do Mosteirinho da Reconciliação

AGRADECIMENTO

Ao Senhor Jesus Cristo.

À toda minha família.

Ao meu estimável orientador, o professor Doutor Pedro Henrique Cabral Valadares, pela competência e incentivo demonstrados no desenvolvimento deste trabalho.

Às irmãs Damas da Instrução Cristã.

Aos professores por tanta bondade, consideração e muita paciência.

Aos amigos de classe de modo especial Camila Brito, sempre disponível em ajudar.

Ao bispo diocesano de Nazaré, Dom Francisco de Assis Dantas de Lucena, o maior incentivador.

Aos funcionários e amigos da cantina.

Aos amigos: Ir. Pedro, frei Felipe e Pe. Bruno

A todas as pessoas, que de alguma forma, contribuíram para essa dissertação.

“O espaço sagrado é um microcosmo organizado, toda religião tem seu microcosmo que revela sua identidade, separado e diferente das banalidades do exterior – trata-se de um espaço redimido que nos permite renascer”.

Claudio Pastro

RESUMO

O estudo enfoca as adaptações nos templos católicos da diocese de Nazaré, em virtude das novas diretrizes do Concílio Vaticano II. Inicialmente não houve preocupação com a construção de templos cristãos, as reuniões eram realizadas nas casas dos familiares que seguiam o caminho da nova doutrina. No período da perseguição cristã as celebrações precisaram ser em lugares secretos, como por exemplo as catacumbas. A partir da tolerância religiosa com o Imperador Constantino, seguido de um reconhecimento como religião oficial do império por Teodósio, que começaram as adaptações e reaproveitamentos dos antigos templos pagãos com as construções das grandes basílicas. É neste momento histórico que a Igreja volta seu olhar e, por conseguinte, as primeiras regras litúrgicas para as construções sacras. Uma construção cristã ainda que reaproveitasse as formas antigas dos templos pagãos, não poderia ser tratada como qualquer construção. Durante séculos as construções foram se moldando aos estilos de cada época, no entanto, a forma interna era obediente ao que era celebrado, os movimentos em torno do altar definiram toda construção sacra. Cada tempo com suas mudanças levaram os templos a se adaptarem às necessidades litúrgicas. No ano de 1962 a Igreja entra num novo período litúrgico a partir do Concílio Vaticano II. A partir de então as construções milenares e seculares precisaram a se adaptar as novas diretrizes. Este trabalho apresenta as mudanças no território eclesiástico da diocese de Nazaré, mais precisamente em 12 templos escolhidos por serem construídos antes da reforma litúrgica de 1962, e por sua notoriedade na história da própria diocese. Sendo assim, analisaremos se tais templos conseguiram se adaptar aos novos parâmetros eclesiais.

Palavras-chave: espaço sagrado; igrejas; arquitetura sacra; liturgia.

ABSTRACT

The study focuses on adaptations in Catholic temples in the diocese of Nazareth, due to the new guidelines of the Second Vatican Council. Initially there was no concern with the construction of Christian temples, meetings were held in the homes of family members who followed the path of the new doctrine. During the period of Christian persecution, celebrations needed to be in secret places, such as the catacombs. Starting from religious tolerance with Emperor Constantine, followed by recognition as the official religion of the empire by Theodosius, who began the adaptations and reuse of the old pagan temples and the construction of the great basilicas. It is at this historical moment that the Church turns its gaze and, consequently, the first liturgical rules for sacred constructions. A Christian construction, even if it reused the ancient forms of pagan temples, could not be treated like any construction. For centuries, constructions were molded to the styles of each era, however, the internal form was obedient to what was celebrated, the shape and movement around the altar defined the entire sacred construction. Each time with its changes led temples to adapt to liturgical needs. In 1962, the Church entered a new liturgical period following the Second Vatican Council. From then on, ancient and secular constructions needed to adapt to the new guidelines. This work presents the changes in the ecclesiastical territory of the diocese of Nazareth, more precisely in 12 temples chosen because they were built before the liturgical reform of 1962, and because of their notoriety in the history of the diocese itself. Therefore, we will analyze whether these temples managed to adapt to the new ecclesiastical parameters.

Keywords: sacred space; churches; sacred architecture; liturgy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. A LITURGIA COMO NORTEADORA DA ARQUITETURA SACRA CATÓLICA.	17
1.1 O significado de Liturgia.....	17
1.2 Trajetória da Liturgia cristã.....	22
1.2 A liturgia como espaço arquitetônico	24
2 CONCÍLIO VATICANO II: AFIRMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE NOVAS DIRETRIZES PARA A IGREJA CATÓLICA.	31
2.1 O Concílio Vaticano II (1963)	31
2.2 Propostas do Concílio Vaticano II	34
2.3 Diretrizes litúrgicas nacionais.....	35
3 ARQUITETURA SACRA NACIONAL	38
3.1 Arquitetura simbólica de Claudio Pastro	38
3.2 Propostas de reformas para as igrejas nacionais	41
4. INDENTIFICAÇÃO DAS ADEQUAÇÕES DO ESPAÇO SAGRADO PARA A LITURGIA NAS IGREJAS DA DIOCESE DE NAZARÉ	45
4.1 Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Goiana	55
4.2 Igreja de São Lourenço – Goiana.....	57
4.3 Igreja de Nossa Senhora do Desterro – Itambé	58
4.4 Igreja de Nossa Senhora das Dores – Timbaúba.....	59
4.5 Igreja de Nossa Senhora do Amparo – Macaparana.....	60
4.6 Igreja de Nossa Senhora da Conceição – Orobó	62
4.7 Igreja de Santana – Bom Jardim	63
4.8 Igreja de Nossa Senhora da Apresentação – Limoeiro	64
4.9 Igreja de Santo Antônio – Tracunhaém	66
4.10 Igreja do Divino Espírito Santo – Paudalho	68
4.11 Igreja de São Vicente – São Vicente Ferrer	69
4.12 Igreja Catedral de Nossa Senhora da Conceição – Nazaré da Mata	70
5. CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS	77

Lista de Figuras

Figura 1: Templo de Salomão, 1005 a.C.....	21
Figura 2: Exemplo casa romana.....	24
Figura 3: exemplo de casa romana	25
Figura 4: Catacumba de Santa Priscila – Itália.....	26
Figura 5: Igreja em estilo tribunal	28
Figura 6: Igreja em estilo tribunal	29
Figura 7: Basílica de São Paulo extra muros	29
Figura 8: mapa das Regiões Pastorais de diocese de Nazaré	45
Figura 9: Celebração da Missa no rito romano.....	51
Figura 10: Celebração da missa catedral de Nazaré da Mata.....	51
Figura 11: Modelo de igreja antes do Concílio Vaticano II	52
Figura 12: Modelo de igreja depois do Concílio Vaticano II.....	52
Figura 13: Modelo de presbitério antes do Concílio Vaticano II	53
Figura 14: Modelo de presbitério após o Concílio Vaticano II	53
Figura 15: Espaço litúrgico pós concílio Vaticano II	55
Figura 16: Fachada da matriz de N.S. do Rosário	56
Figura 17: Interior da matriz de N.S do Rosário	56
Figura 18: Planta baixa editada no Paint®	56
Figura 19: Fachada da matriz de São Lourenço	57
Figura 20: Interior da matriz de São Lourenço	57
Figura 21: Planta baixa editada no Paint®	57
Figura 22: Fachada da matriz de N.S. do Desterro	58
Figura 23: Interior da Matriz de N.S. do Desterro	58
Figura 24: Planta baixa editada no Paint®	58
Figura 25: Fachada da matriz de N.S. das Dores	59
Figura 26: Interior da matriz de N.S. das Dores	59
Figura 27: Planta baixa editada no Paint®	60
Figura 28: Fachada da matriz de N.S do Amparo	61
Figura 29: Interior da matriz de N.S. do Amparo	61
Figura 30: Planta baixa editada no Paint®	61
Figura 31: Fachada da matriz de N.S. da Conceição.....	62

Figura 32: Interior da matriz de N.S. da Conceição.....	62
Figura 33: Planta baixa editada no Paint®	62
Figura 34: Fachada da matriz de Santana	63
Figura 35: Interior da matriz de Santana	63
Figura 36: Planta baixa editada no Paint®	64
Figura 37: Matriz de N.S. da Apresentação.....	65
Figura 38: interior da matriz de N.S. da Apresentação.....	65
Figura 39: Planta baixa editada no Paint®	65
Figura 40: Antigo altar da Matriz de N.S. da Apresentação.....	66
Figura 41: Fachada matriz de Santo Antônio	67
Figura 42: Interior da matriz de Santo Antônio	67
Figura 43: Planta baixa editada no Paint®	67
Figura 44: Matriz do Espírito Santo	68
Figura 45: Interior da matriz do Espírito Santo	68
Figura 46: Planta baixa editada no Paint®	68
Figura 47: Fachada da matriz de São Vicente	69
Figura 48: Interior da matriz de São Vicente	69
Figura 49: Planta baixa editada no Paint®	70
Figura 50: Fachada da Catedral de N.S. da Conceição	71
Figura 51: Altar conservado no interior da Catedral de N.S. da Conceição	71
Figura 52: Planta baixa editada no Paint®	71

INTRODUÇÃO

O Concílio Vaticano II, foi o maior acontecimento na história da Igreja do século XX. Num período conturbado de rápidas mudanças, a Igreja Católica se sentiu impelida a colaborar com a humanidade sendo ouvinte atenta dos clamores do tempo presente. A mudança de pensamento na própria forma de se entender como Igreja, influenciou profundamente a maneira de construir novos templos. No entanto, a maioria das igrejas já estavam construídas e em pleno funcionamento há séculos. Todos os templos já existentes e pertencentes à Igreja Católica, precisaram se adaptar às novas orientações das mudanças requeridas pelo Concílio Vaticano II.

A construção de um edifício cristão depende de muitos fatores, pois não se trata de uma construção “secular”, mas uma construção simbólica e com um simbolismo todo específico. O simbolismo católico é rico de significados desde sua origem, pois o símbolo aponta para algo, na tentativa de expressar a essência da própria fé não em palavras, mas em experiência viva. O simbolismo cristão não se encontra na suntuosidade da construção, pois mesmo nos edifícios mais simples, deve existir o nobre significado sacral que a Igreja almeja. Existe um mistério em todo edifício cristão, mistério este, que atravessou séculos e gerações. O mistério aqui deve ser compreendido não como aquilo que é desconhecido, mas como algo superior, que causa temor e encanto, e que por isso mesmo incita a aproximação. O espaço sagrado tornar-se um lugar de encontro entre o ser humano e o que ele acredita ser a sua divindade, um encontro não só pessoal, mas comunitário num lugar comum, a igreja.

A Igreja viva dos primeiros séculos não teve preocupação com templos para o culto dominical pois, as próprias casas eram os espaços de encontros e celebrações. Com a proibição e perseguição aos cristãos, começou-se as celebrações em espaços mais reservados e em alguns casos, nas catacumbas. Com a Pax Constantiniana em 313 d.C. pelo imperador Constantino, cessa a perseguição aos cristãos garantindo a liberdade de culto. Com o imperador Teodósio I o cristianismo é elevado como religião oficial do Império. A partir desse momento começam as adaptações e construções dos primeiros lugares de culto, que também foi um aproveitamento dos grandes templos já existentes.

Com a organização do culto oficial dos cristãos, começou-se as orientações para a construção dos edifícios sagrados. Uma arte voltada para o cristianismo se inicia; vestuário, cânticos, ícones, movimentos e tudo mais que necessitava para o culto foram realizados com primor e maestria.

Geralmente a arquitetura sacra impacta, seja pela sua monumentalidade, seja por sua beleza e elegância ou pelo sentimento de admiração que causa nos seus fiéis. Tudo tem um significado na igreja, nada foi colocado como um simples detalhe estético. Desde as suas proporções até seus mínimos detalhes, houve a extrema preocupação pela linguagem do mistério sacral, pois aqueles espaços seriam veículos da divindade, falariam sem precisar de palavras, a sua própria existência se manifestava como sinal do eterno. No passado as capelas, basílicas e catedrais eram conhecidas como a bíblia dos pobres, pois suas paredes e altares transferiram o evangelho escrito com formas e tintas, de tal modo, que todos podiam participar e adentrar no mistério de Cristo, uma vez que a leitura era de domínio exclusivo da mais alta nobreza e do clero.

Como o advento da modernidade, os templos que utilizaram uma linguagem milenar para expressar a fé dos cristãos, sofreram também grandes influências. Cada época contribuiu significativamente com seus estilos e artes mais sublimes. Dentro de um só templo é possível contemplar a mais variadas artes possíveis oriundas dos melhores artistas da época, e realizadas com os mais nobres materiais. No entanto, a Igreja precisa falar no tempo presente, com o que existe no tempo em que a mesma se encontra. Foi preciso adaptar uma nova mentalidade dentro dos templos construídos há séculos, com linguagem e pensamentos tão variados. Como conciliar situações tão distintas? O antigo com o novo num só espaço?

A orientação eclesiástica em vista de aplicar a renovação conciliar em termos de arquitetura fomenta muitas perguntas e inquietações. Como fazer essa adaptação dos templos? Como respeitar o já construído e adequá-lo às orientações do Concílio Vaticano II? Essas perguntas nortearam a preocupação e as iniciativas de todas as dioceses, dentre elas, a diocese de Nazaré, na Zona da Mata pernambucana.

O território eclesiástico da diocese de Nazaré abriga muitos templos antigos de inigualável valor, tanto para a história, como para expressão do mistério da fé católica. Com as novas diretrizes do Concílio Vaticano II, todos esses templos precisaram se

adaptar à nova forma de expressão da realização do culto divino. Por séculos esses templos mudaram seus estilos, mas mantiveram seu significado, agora na contemporaneidade assistimos as mudanças dentro do corpo da Igreja, mudanças profundas no seu jeito de crer, pensar e se autocriticar. Sendo assim as antigas e novas construções entraram na dinâmica da renovação espiritual e estética. Novas técnicas, formas arquitetônicas e artes passaram a ser inclusas nos edifícios sacros. Em alguns lugares não foram contempladas o respeito pela integridade do edifício, e se pode constatar uma verdadeira destruição de joias da arquitetura.

Mas foi essa a intenção das novas diretrizes do Concílio Vaticano II? A descaracterização dos templos antigos em vista das novas orientações da Igreja? A “modernização” da Igreja implicava a demolição e a destruição dos templos construídos em outras épocas? Essas perguntas apontam para a problemática tratada nesta monografia. A pesquisa que aqui se apresenta deseja oferecer uma reflexão em torno dessas questões: o processo de adaptação dos espaços de culto no catolicismo pós Concílio Vaticano II, e a maneira como se deu essa adaptação no território específico da Diocese de Nazaré. E para facilitar a compreensão do tema, a monografia está estruturada em quatro partes.

A primeira parte trata sobre a liturgia, a forma como a Igreja crê e celebra publicamente sua fé. A liturgia direciona toda a vida da Igreja, é a forma como a comunidade dos que têm fé na ressurreição de Jesus, rezam. Na liturgia compreende-se a forma da construção dos templos; a arquitetura se adequa à liturgia. Todo o edifício construído foi pensado a partir da forma como se celebram os ritos sagrados. Tudo tem um motivo e um significado, os movimentos realizados na celebração litúrgica definem o layout sacro do templo. Sendo assim, é impossível pensar em arquitetura sacra sem entender o real significado da liturgia.

A segunda parte trata sobre o novo movimento litúrgico que desemboca no Concílio Vaticano II, sua importância na vida da Igreja e sua intenção no que diz respeito à liturgia e arquitetura sacra. O Concílio foi bastante amplo. O interesse dessa pesquisa se direciona sobre as adaptações arquitetônicas a partir das novas diretrizes litúrgicas. A nova forma de celebrar mudou o layout interno dos templos, uma nova arte e arquitetura é “assumida” pela Igreja pois os novos tempos exigiram novas posturas e uma mentalidade condizente ao tempo presente.

A terceira parte da pesquisa destaca a arquitetura sacra nacional a partir das propostas de Cláudio Pasto, grande artista que se dedicou a resgatar a imagem central de Cristo em suas construções. Foi sem dúvidas um artista singular na arte sacra brasileira, buscou nas fontes artísticas cristãs dos primeiros séculos a inspiração de suas obras. Sua linha de pensamento esteve totalmente ligada ao modo de ser Igreja pós Concílio Vaticano II. Trabalhou a partir de formas simples e modernas, pouca informação no interior do templo, ou como ele mesmo dizia, “informações essenciais”, pois o evangelho é puro e essencial. Neste mesmo capítulo da pesquisa destacam-se os documentos e propostas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) sobre reformas, construções e adaptações dos templos católicos no período pós conciliar.

A última parte do trabalho, mais especificamente, busca entender como o Concílio Vaticano II afetou a diocese de Nazaré. O que mudou e o que continuou, quais os aspectos afetados do templo e se as igrejas escolhidas para serem analisadas foram capazes de se adequar às novas diretrizes eclesiais a partir do Concílio. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo geral examinar algumas igrejas da Diocese de Nazaré no intuito de saber se as mesmas conseguiram colocar na prática as observações do Concílio Vaticano II. Seu objetivo específico é pesquisar os textos do Concílio Vaticano II e analisar as propostas para a construção de espaços litúrgicos no Brasil segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Através deste trabalho, buscou-se analisar os templos da circunscrição eclesiástica da diocese de Nazaré, escolhendo os mais significativos por sua antiguidade e a partir dos textos e diretrizes do Concílio Vaticano II e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), observar se tais templos foram capazes de se adequar à nova modalidade litúrgica da Igreja Católica.

1. A LITURGIA COMO NORTEADORA DA ARQUITETURA SACRA CATÓLICA.

A arquitetura sacra Católica, ao contrário de outras expressões arquitetônicas, não se rege apenas pelos cálculos e estudos espaciais. Por sua própria natureza, a saber: arquitetura vinculada e destinada à experiência do sagrado, a arquitetura sacra católica é norteada pela Liturgia. Neste capítulo, para melhor compreender essa relação, vamos definir o que entendemos por Liturgia, apresentar a trajetória da Liturgia cristã e, por fim, destacar a Liturgia como espaço arquitetônico.

1.1 O significado de Liturgia

Um dos pilares da religião é a liturgia, pois o que a mesma acredita expressa na celebração de seus ritos sagrados. No cristianismo católico “a Liturgia é o cimo para o qual se dirige a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte donde emana toda a sua força” (Sacrosanctum Concilium, 2018).

O termo “liturgia” tem sua origem na Grécia e seu significado expressa uma ação pública:

O termo liturgia é palavra grega. Origina-se de dois termos. Κλειτον (lêiton), daí, Λαός (laós), que significa povo ou o público e έργον (ergon), que significa ação ou obra, trabalho, afazeres, daí, λειτουργία (leitourguía), liturgia. Seria a obra ou ação do povo? Não. É a ação em favor do povo ou obra pública, em favor do público. No mundo grego clássico, o termo era usado particularmente em dois sentidos, mas sempre como uma ação ou serviço de uma parte em favor do todo. Assim, por exemplo, a promoção dos jogos olímpicos era considerada uma liturgia, um serviço em favor do povo. A própria guerra em favor da nação constituía uma liturgia. O termo era usado também no campo religioso. Era, então, culto ritual prestado às divindades em favor do povo, enquanto praticado por um grupo em favor do público ou em nome do povo. (Beckhauser, 2019)

No cristianismo, a palavra liturgia toma o mesmo sentido, algo feito em favor do povo, no entanto é um termo “recente” na sua utilização nos 2.000 anos de existência da Igreja Católica. Outrora utilizou-se os termos como: Ofício Divino, Culto Divino, Sagradas Funções, Serviço religioso, Cerimônias sagradas, Ritos sagrados. A partir do período iluminista e do Movimento Litúrgico é que o termo ganha espaço, mas foi com o papa Pio X, no início do século XX, que se torna bem usual (Beckhauser, 2019).

Quando falamos de liturgia muitos associam imediatamente aos ritos sagrados, mas a liturgia cristã vai além dos diferentes ritos existentes no seio eclesiástico. Muitos julgam a liturgia como a forma estética de celebrar, por meio de gestos e belos paramentos. Outros a consideram como a estrita observância das rubricas e normas, entendendo assim, como sendo isso a essência da liturgia. Tanto a beleza estética, quanto as normas que ordenam o culto são importantes, mas a liturgia vai além de tudo isso, ela busca a unidade do corpo místico de Cristo que é a Igreja.

Um dos maiores liturgistas da Igreja Católica, Guardini, define bem o significado da liturgia, especificamente a partir do cristianismo:

A liturgia é o culto público e oficial da Igreja, exercido e regulado por ministros escolhidos para esse fim, os sacerdotes. Nela Deus é cultuado através da unidade coletiva espiritual como tal, e esta, por sua vez, se estrutura nesse culto. É importante compreender essa essência objetiva da liturgia. Pois justamente aqui o conceito católico do culto coletivo diverge nitidamente do conceito protestante, que se refere sobretudo ao indivíduo. É precisamente na integração de seu ser no seio de uma unidade mais alta que o crente encontrará a libertação e a formação interior. É o que decorre logicamente da natureza profunda do homem, ao mesmo tempo individual e social (Guardini, 2018).

Como o assunto que nos interessa é a liturgia católica apostólica romana, devemos partir do princípio propriamente cristão da figura de Jesus Cristo e toda sua ação salvífica. A liturgia é a celebração da vida envolvida no mistério de Cristo:

Portanto, por um lado o acontecimento litúrgico não é propriamente diverso do mistério salvífico de Cristo; por outro lado, porém, o evento litúrgico, enquanto culto espiritual, realiza-se plenamente somente “se introduzido” na existência cristã concreta, isto é, tornando-se “experiência” cristã no espírito. O mistério “acreditado” e “celebrado” possui em si um dinamismo que faz dele princípio de vida nova em nós e forma da existência cristã. A separação entre liturgia e vida conduz inevitavelmente ao empobrecimento de ambas. A liturgia que não assume a existência para transformá-la, cai no formalismo da cerimônia. O empenho na vida sem a celebração torna-se uma obra da pessoa humana que não é aberta ao mistério e se reduz, portanto, a uma pretensão privada de fundamento (Augé, 2019).

A liturgia cristã é compreendida a partir de Jesus Cristo, é a vida de Jesus ressuscitado na Igreja. A liturgia cristã não pode ser vista simplesmente como um teatro de gestos repetitivos e sem noção, tudo tem um significado, pois a mesma

expressa uma realidade espiritual não visível, mas que se torna visível pelos atos da fé.

O escopo e finalidade da liturgia é fazer com que a Páscoa de Cristo se torne a Páscoa da Igreja e de cada pessoa fiel em particular, chamada a glorificar a Deus mediante a morte para o pecado e a vida nova em Cristo. Destarte, a Páscoa se torna o ponto de partida e ao mesmo tempo o ponto de chegada da liturgia. A liturgia parte da Páscoa de Cristo, da qual retira todo o seu significado e a sua eficácia, e volta-se para a Páscoa da Igreja e das pessoas fiéis, isto é, tende a difundir nos membros do Corpo Místico aquela plenitude de vida que brota perenemente da Cabeça (Augé, 2019).

Compreendemos então a liturgia como algo vivo e dinâmico, trata-se da vivência da fé como experiência vital. Jesus continua se manifestando por meio da liturgia, sendo assim, a liturgia é essencial à vida da Igreja. A própria finalidade da liturgia explica o seu mistério de unidade cristã no seio da igreja:

O fim primordial e peculiar da liturgia não é o culto prestado a Deus pelo indivíduo. Ela não procura nem a edificação, nem o despertar espiritual, nem a formação interior do indivíduo como indivíduo. Não é também o sujeito da oração e da ação litúrgicas. Não é também a simples soma de um grande número de fiéis que ela nos apresenta numa igreja como expressão material da unidade da paróquia no tempo, no espaço e no sentimento. O sujeito da liturgia é a união da comunidade cristã como tal, algo mais que a simples soma dos indivíduos; é a Igreja. (Guardini, 2018)

A importância da liturgia cristã consiste no que ela almeja, existe uma busca incansável pela unidade, pois este era o desejo de Jesus: “que todos sejam um, como eu e o Pai somos um” (Jo 17,21). Não estamos falando em uniformidade, mas unidade do coração em direção a um mesmo ponto. Sobre está unidade almejada na liturgia, o teólogo Romano Guardini enfatiza o valor da comunidade dos fiéis como sinal da unidade:

A liturgia não diz “Eu”, mas “Nós”, exceto nos casos em que a individualidade é posta em evidência de um modo particular (por exemplo, nas decisões pessoais ou em certas orações do bispo, dos sacerdotes, etc). A liturgia se apoia não no indivíduo, mas na comunidade dos fiéis. E isto não significa a soma dos indivíduos nem a “paróquia” reunida, mas se estende além dos limites do tempo, porque a comunidade dos que oram neste mundo está unida aos que já foram para o céu e se encontram na eternidade. Essa ideia de união não esgota, porém, o conceito de comunidade litúrgica. O Eu na oração litúrgica não é a simples soma numérica dos indivíduos de mesma fé. É esse conjunto, mas enquanto constitui a unidade como

tal, independente da multidão que a compõe, ou seja, a Igreja (Guardine, 2018).

Sendo assim, entendemos a liturgia como a ação da Igreja em vista da comunidade, de forma organizada e pública, geralmente realizada num espaço determinado para tal. Este espaço sempre foi considerado pela Igreja como lugar da manifestação do sagrado, por isso mesmo é chamado de espaço litúrgico, ou seja, lugar em que a liturgia é vivida de forma comunitária e pública.

A arquitetura sempre quis estar a serviço de sua funcionalidade litúrgica. A liturgia, porém, nem sempre foi entendida e realizada segundo as mesmas exigências funcionais. O Vaticano II interpretou essa funcionalidade atendendo à identidade renovada da liturgia, ressaltando estes princípios: 1. Eclesialidade: o templo é o Cristo total: “caput et membra”. 2. Comunitariedade: a Igreja deve servir para a reunião da comunidade. 3. Ministerialidade: deve oferecer possibilidades para realizar os diversos ministérios que entram na celebração. 4. Participação: de maneira que permita que toda a assembleia e cada um dos presentes participem em tudo e somente no que lhes pertence. 5. Adaptação: que implica levar em conta a cultura, a arte e a sensibilidade estética dos povos (Borobio, 2010)

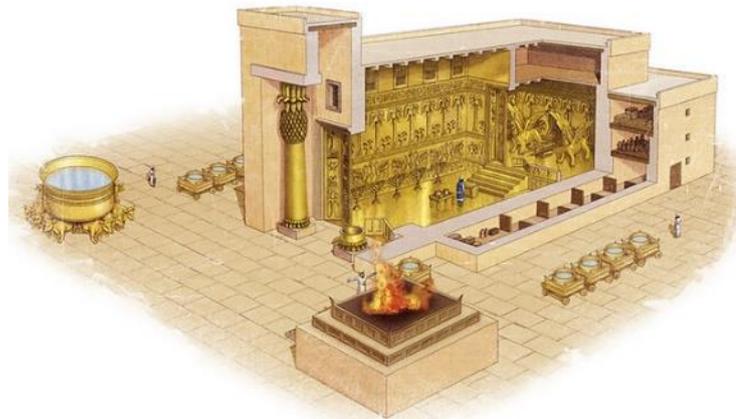
No caso do cristianismo a arquitetura está totalmente ligada à liturgia, pois a mesma é composta a partir dos movimentos que a liturgia determina nas celebrações. Como a liturgia é algo exterior, a arquitetura envolta da arte consegue expressar de forma estática os movimentos e sentimentos da religião.

A liturgia está intimamente relacionada com a arquitetura e a arte, pois exige um lugar digno para a celebração, e exige um estilo artístico que ajude a remeter ao transcendente, ao sobrenatural. Por isso, todas as religiões dispuseram de lugares sagrados: desde a religião mesopotâmica, hinduísmo, judaísmo, os gregos e romanos... todos os povos dispuseram de tendas, templos, lugares de referência para o divino e para o sagrado, que os encheu de simbolismo. (Borobio, 2010)

O Cristianismo nasce da fé monoteísta judaica, a religião dos judeus era marcada por uma liturgia bastante expressiva e realizada no Templo. A liturgia do povo judeu direcionou toda a construção do Templo, seguindo cânones rigorosos de como construir e que materiais utilizar para sua elaboração.

Como vemos na figura 1, o povo judeu sempre foi extremamente zeloso com seu templo:

Figura 1: Templo de Salomão, 1005 a.C.



Fonte: <https://pt.linkedin.com>

A presença de Deus no meio do povo foi marcada por revelações do sobrenatural para a construção de um lugar de encontro, ou seja, um espaço litúrgico:

Deus revela a Moisés seu desejo de habitar no meio do povo, dá até mesmo as instruções mais elementares para sua construção, e envia seu espírito sobre os artistas que escolheu para executar o projeto (cf. Ex 25,8.10-22; 31,1-11; 37,1-9). A Arca será o lugar de encontro entre Deus e o homem: “Aí me encontrarei com você [...] e direi a você tudo o que deve ordenar aos filhos de Israel” (Ex 25,22), e onde o homem lhe renderá culto. Um recinto determinará o espaço no qual serão colocados os objetos da celebração em uma ordem estabelecida. A Tenda será móvel, guia e defesa do povo eleito. Deus falará com Moisés desde a Arca da Aliança (cf. Ex 25,22). A Arca será um símbolo da unidade do povo e, no final da sua peregrinação e oscilação política, quando Deus o permitir, será detida e guardada na sala mais íntima do Templo da cidade santa de Jerusalém, construída sobre o monte. (Molinero, 2019)

A forma de celebrar e a forma de construir, estão interligadas desde o povo judeu. Inicialmente o cristianismo não teve grandes preocupações pelo espaço litúrgico, enquanto construção arquitetônica. Pois os primeiros cristãos consideravam a liturgia como; realização do ato salvífico de Jesus Cristo em seu corpo, que é a Igreja. O espaço de culto se configura com o encontro espiritual com Deus, pois pelo batismo o cristão se torna templo do Espírito Santo (Molinero, 2019)

1.2 Trajetória da Liturgia cristã

A liturgia cristã tem sua origem em Jesus Cristo, não obstante, muitos sinais ritualísticos são oriundos da liturgia do povo judeu, pois a principal celebração dos cristãos consiste na ceia eucarística, que nasceu justamente da ceia pascal judaica. O povo judeu até hoje celebra a Páscoa do Senhor como sinal de libertação da escravidão das mãos do Faraó, como está escrito no livro do Êxodo capítulo 13: “Os filhos de Israel partem do Egito. Faraó e seu exército perseguem Israel. O Senhor abre o Mar Vermelho para Israel, e o exército do faraó perece sob as águas. Israel louva ao Senhor por sua libertação” (Bíblia de Jerusalém, 2002).

Na Páscoa dos cristãos há uma releitura de todos os acontecimentos da história do povo de Israel, à luz da fé na ressurreição de Jesus Cristo. Na crença judaica existia a esperança de um messias salvador que libertaria novamente o povo, não mais das mãos de Faraó e dos egípcios, mas das mãos do Império Romano. A teologia cristã faz uma releitura do evento pascal judeu interpretando como passagem da morte para vida, neste caso, a morte de Jesus Cristo vencida pela ressurreição. (Beckhauser, 2019)

O momento essencial que os cristãos reviviam e reverenciavam como mistério da fé, a morte vencida pela vida, era o momento da celebração litúrgica da missa ou eucaristia. Segundo o teólogo Albert Rouet:

A missa recorda os acontecimentos históricos. Cada oração eucarística contém uma parte de referência histórica (a anamnese, do grego: ana-mnésis: fazer recordar, reminiscência): os prefácios louvam a Deus pela criação, pela espera e vinda do Salvador; a oração eucarística nº 1 lembra Abel, Abraão, Melquisedec; a oração nº 4 retrata toda a história da salvação. Ora, a eucaristia não se contenta em recordar a história passada. Está inserida na história. Aí está, porque o homem nela vive. Deus fala ao homem uma linguagem de homens (Rouet, 1981).

O caminho percorrido pela fé dos cristãos se desenvolve a partir da liturgia, não há uma separação entre liturgia e doutrina, ambas pertencem à mesma fonte, pois a liturgia é a celebração da fé. Segundo o grande artista sacro brasileiro, Cláudio Pastro, baseado nos ensinamentos da Igreja:

A divina liturgia é a união da liturgia celeste com a liturgia terrestre, e chamamos a esse mistério de Eucaristia (ágape ou missa), ou seja: a caridade experimentada, saboreada e vivida por antecipação no espaço e no tempo do sagrado, para depois vivermos o dia-a-dia na sociedade. (Pastro, 2012)

A liturgia cristã foi sendo construída através dos séculos, e por ser algo dinâmico ela continua viva como celebração da presença de Jesus Cristo no tempo presente. Cada época deixou sua marca na forma como celebrou os mistérios cristãos:

A história da missa não se limita a contar a evolução das rubricas! Sem dúvida, é indispensável acumular as mais diversas informações para tentar compreender a evolução da liturgia. A sucessão dos ritos não deve, porém, fazer perder de vista que cada época rezou segundo a sua sensibilidade, segundo o modo como concebia o mundo e o homem, segundo suas ambições e dificuldades. A Liturgia pertence a um tempo determinado; dele traz a marca. Cada época é criadora porque é viva (Rouet, 1981).

Em todas as épocas desde os primeiros cristãos até nossos dias, a Eucaristia constituiu o fundamento essencial da fé, pois nele se celebra e se revive o sacrifício redentor de Jesus Cristo:

O sacrifício de Cristo e o sacrifício da Igreja afluam um único sacrifício. A Igreja, com efeito, é a mulher do novo paraíso, a Esposa de Cristo. Ela não age e não se sacrifica senão pela virtude de seu divino Esposo. Na cruz, o Cristo histórico oferece seu único sacrifício; elevado à glória, o Cristo místico ofereceu seu sacrifício em união com a Igreja, a qual ele resgatou purificando-a no sangue do seu lado aberto pela lança (Efésios 5,22) Não é como se o Cristo glorioso oferecesse um novo sacrifício com a Igreja. Por um único sacrifício, ele atingiu e realizou de uma vez por todas o fim do sacrifício, e, Hóstia transfigurada na glória, está assentado para sempre à direita do Pai (Casel, 2011).

Sendo assim, o culto cristão por excelência celebra o que acredita, na missa os mistérios mais profundos dos cristãos se tornam presentes por meio da palavra pronunciada, pelos gestos orantes, pelo silêncio e pelas artes, tudo isso se reflete no espaço físico. A trajetória da liturgia é rica de significados históricos e teológicos, trata-se da imagem sensível e visível pela qual a mesma, transparece para o mundo.

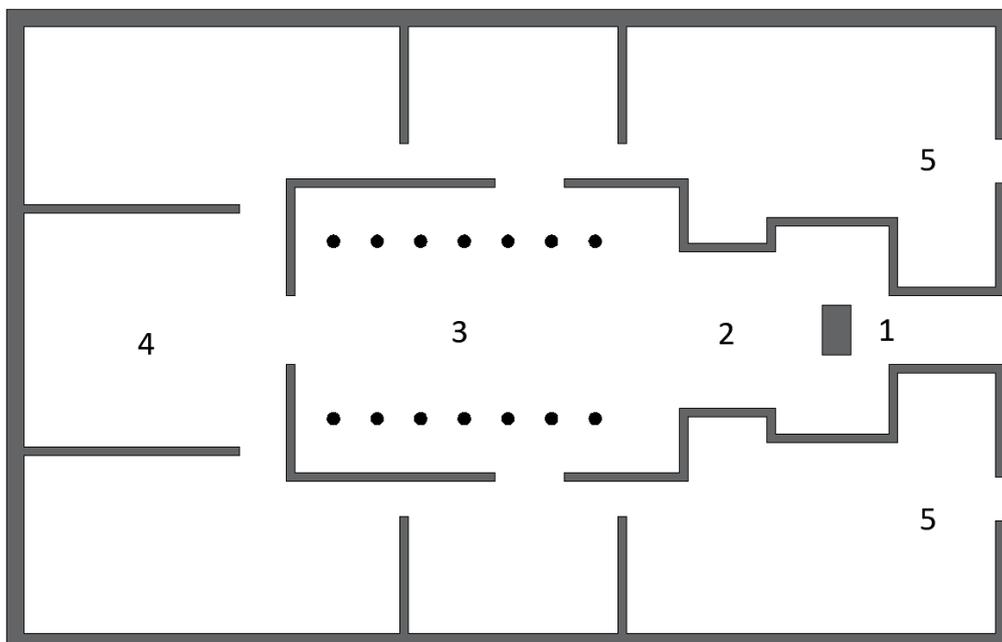
1.3 A liturgia como espaço arquitetônico

Os primeiros grupos de cristãos aos poucos foram se separando do judaísmo e tomando consciência que formavam um novo grupo, distinto das antigas tradições de Israel. Como não tinham templo para celebrar como desejavam, começaram realizar seus cultos nas casas dos próprios batizados da nova religião, o cristianismo.

Os primeiros cristãos não tinham “igrejas” no sentido em que as compreendemos. Quando se reuniam para o culto, usavam qualquer edifício que estivesse à mão, habitualmente casas comuns. Lemos nos Atos dos apóstolos que após o Pentecostes eles “partiram o pão nas casas” (Atos 2,46). Mas também “frequentavam todos os dias o templo”. Em torno do Mediterrâneo, nos países onde a influência romana havia muito fixada raízes, havia três tipos de residências: a domus, ou casa particular; a villa ou casa de campo; e a insula ou casa de cômodos, com muitos apartamentos (Anson, 1969).

Como vemos nas figuras 2 e 3, assim eram concebidas algumas residências romanas consideradas como primeiras igrejas cristãs:

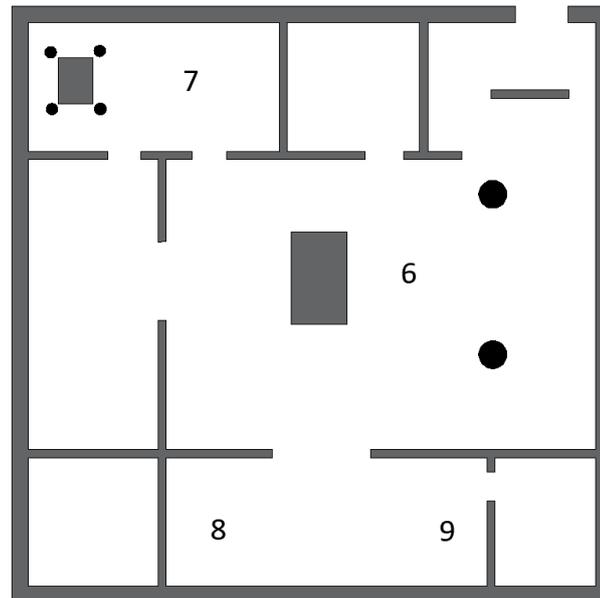
Figura 2: Exemplo casa romana



Fonte: Autoria própria, com base em Anson, 1969

1. Átrio	4. Triclinio
2. Tablinio	5. Loja
3. Peristilo	

Figura 3: exemplo de casa romana



Fonte: Autoria própria, com base em Anson, 1969

6. Átrio	8. Sala para culto
7. Batistério	9. Plataforma baixa

A liberdade de culto garantiu o pleno exercício da religião e suas celebrações públicas, com a apropriação da forma existente dos espaços domésticos para a celebração dos mistérios cristãos.

A razão de ser destas “igrejas domésticas” foi somente em 313 os cristãos do vasto Império Romano, que abarcava todos os países em redor do Mediterrâneo, receberam a liberdade de culto. Antes desta data, o governo romano simplesmente tolerava as religiões estrangeiras que oferecessem perigo ao Estado e à religião pagã oficial. O imperador Nero começou a perseguir as pequenas comunidades cristãs de Roma em 61.... Diocleciano em 303 ordenou a destruição de todos os lugares cristãos de culto e a queima de todas as cópias das Escrituras (Anson, 1969).

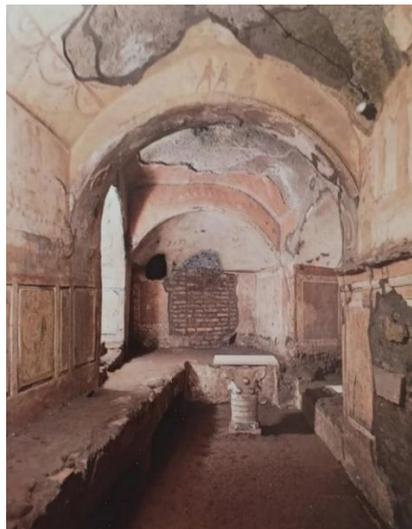
Nos períodos de perseguição, um espaço considerado como seguro para as reuniões eram as capelas mortuárias. Pequenos espaços de orações erguidos sobre as sepulturas dos que morreram em nome da fé, chamados de mártires. Nestes locais, já considerados sagrados, eles se reuniam para rezar e celebrar a eucaristia. No entanto, esses lugares não foram os espaços regulares de cultos por serem escuros, úmidos e estreitos.

É preciso lembrar que, durante os três primeiros séculos da era cristã, as igrejas em domicílios foram se transformando gradativamente em templos. Somente na segunda metade do século III, é que os edifícios foram especialmente projetados para o culto cristão, e mesmo assim, poucas coisas os distinguiam das residências comuns. O propósito desses espaços era estritamente utilitário e seus móveis eram os mesmos usados por uma família abastarda (Molinero, 2019).

À medida que a liturgia vai se estruturando, o lugar da celebração vai se adaptando a ela. Surge, assim, a *domus ecclesiae*, que tem uma estrutura fixa e projetada ad hoc, compreende vários locais que atendem às diferentes necessidades das reuniões de caráter litúrgico-celebrativo, de acolhida, de caridade, bem como de residência dos líderes da comunidade (bispo, presbítero ou diácono). De todos os lugares o mais importante é o reservado para a celebração da Ceia do Senhor. Ele evoca a sala da Santa Ceia, o Cenáculo de Jerusalém, mas também algumas das suas funções, como a leitura da Palavra de Deus e a sua escuta, bem como seu louvor. (Molinero, 2019)

Como vemos na figura 4, os espaços das catacumbas eram pequenos, pois como sabemos, foram construídos justamente para enterrarem os cadáveres humanos. Não existiu intenção de construir catacumbas para as celebrações, só no período das perseguições que foram utilizados como lugares de cultos e catequese.

Figura 4: Catacumba de Santa Priscila – Itália



Fonte: <https://www.enroma.com>

Nos três primeiros séculos após a morte e ressurreição de Jesus, a fé apostólica era vivida e celebrada de forma mais singela e discreta, era um movimento

clandestino. Quando se utilizavam algum edifício para reuniões e cultos, em nada eles diferiam das casas da época.

Na época do reinado de Constantino, imperador romano, por volta do ano 313, quando supostamente tem a vitória sobre seus inimigos e considera sua vitória ao poder do Deus cristão, começa o período de trégua para a nova religião. O próprio Imperador promulga o que conhecemos como Edito de Milão.

Dia 13 de junho de 313 d.C é a data em que o imperador romano Licínio instruiu os governadores da metade oriental do Império Romano para obedecerem o acordo de tolerância religiosa que ele e o seu colega Constantino firmaram na cidade de Milão, em fevereiro daquele mesmo ano. Com efeito, em fevereiro de 313 d.C, reunidos em Milão, Constantino e Licínio (este se preparando para marchar contra Maximino, o seu colega no Leste, de acordo com o já agonizante sistema de Tetrarquia instituído por Diocleciano, e que reiniciara a perseguição aos cristãos) decidiram seguir o Edito de Tolerância promulgado pelo finado imperador Galério, dois anos antes (Blog Histórias de Roma, 2023).

Os imperadores Licínio e Constantino foram mais além do Edito de Galério, os mesmos entraram em comum acordo e proclamaram que todas as religiões desse período fossem livres para exercer seus cultos. Ainda decretaram que todas propriedades eclesiásticas antes confiscadas, fossem devolvidas. Foi nesta época, o início de um tempo de paz para os cristãos, o próprio imperador Constantino deu o palácio do Latrão ao Papa Milcíades. Posteriormente este palácio foi consagrado como espaço para as celebrações eucarísticas, ficou conhecido como São João de Latrão e tornou-se a catedral da diocese de Roma (Anson, 1969).

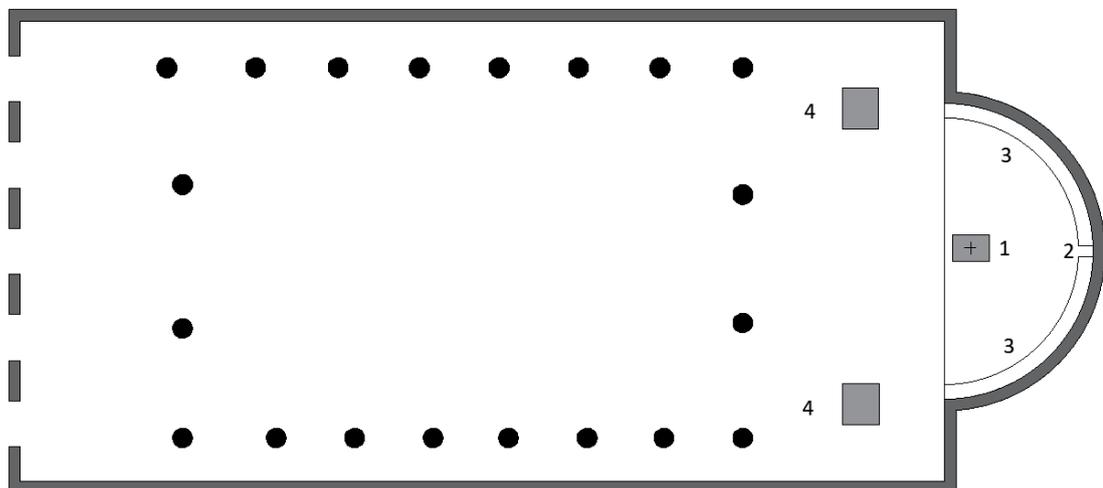
Deste período por diante, Constantino manda construir várias igrejas, na verdade essas igrejas eram nada menos que salões de grande porte para abrigar o elevado número de fiéis. Era uma espécie de tribunal de justiça romano conhecido como basílica.

A basílica era um salão retangular, a nave central, com naves laterais e um forro de madeira sustentado por fileiras de colunas. Na sua extremidade, havia uma abside semicircular, com uma plataforma erguida sobre degraus, que às vezes se projetava para dentro do salão. Atrás da plataforma havia um trono elevado, usado pelo pretor, ou juiz principal. Assentos ou bancos para os juízes assistentes eram colocados de ambos os lados do trono. Às vezes havia uma grade ou balaustrada baixa para separar os juízes, na plataforma, do povo no

salão principal, a barra. As testemunhas e os advogados ficavam em duas estruturas semelhantes a púlpitos ou estantes, chamados de ambões, situados em cada lado dessa divisão baixa, de modo que pudessem ser vistos quando dirigissem a palavra ao tribunal (Anson, 1969).

As primeiras igrejas públicas a partir deste período tomaram esta forma citada acima. As mesmas serviram de modelo para todas as igrejas construídas a partir de então em todo território do império romano. Nas figuras 5, 6 e 7 teremos exemplos claros das construções da época e que perduraram por séculos como modelos construtivos.

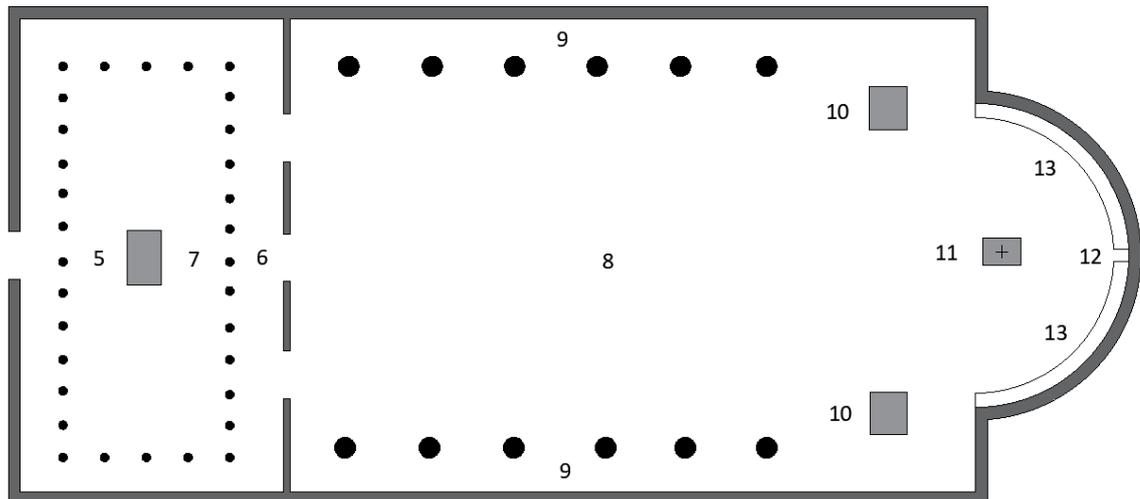
Figura 5: Igreja em estilo tribunal



Fonte: Autoria própria, com base em Anson, 1969.

1. Altar	3. Bancos para os juizes assistentes
2. Cátedra	4. Ambões

Figura 6: Igreja em estilo tribunal



Fonte: Autoria própria, com base em Anson, 1969.

5. Átrio	10. Ambões
6. Pórtico	11. Altar acima do túmulo
7. Pia batismal	12. Cátedra ou trono do bispo
8. Nave central	13. Bancos para os sacerdotes
9. Nave lateral	

Figura 7: Basílica de São Paulo extra muros



Fonte: <https://www.voupraroma.com>

Assim foi o início da construção dos novos templos a partir do ano de 313. Algumas dessas igrejas foram antigos templos pagãos demolidos e seus materiais de pedras reaproveitados.

Na trajetória da liturgia cristã, o espaço para a realização da celebração dos mistérios pascais foi se tornando cada vez mais importante. A construção vai se adaptando às necessidades litúrgicas da comunidade em cada período histórico.

O sentido do espaço celebrativo é dado pelo mesmo Povo de Deus que o assume e o anima, e quase o determina como uma expansão sacramental. É a Igreja enquanto comunidade cristã concreta quem formata o espaço celebrativo, segundo sua própria identidade. O lugar sagrado depende da fé da comunidade, das manifestações dessa fé, e das necessidades que são consequência dela. O espaço sagrado deve trazer o selo da fé e da Igreja. Assim, é “resgatado” do anonimato ou da profanação, para receber os sinais do que a Igreja acredita de si mesma, manifestando-se na espacialidade. (Moliner, 2019).

O espaço da celebração litúrgica se reveste de significado, não são mais espaços que visam somente uma funcionalidade, mas lugares que manifestam às verdades da nova religião que se sobrepôs à antiga crença dos pagãos. O espaço arquitetônico de certa forma, por si só, buscava revelar os dogmas de um novo Deus à sociedade. A beleza arquitetônica foi um dos caminhos escolhidos pela Igreja para expressar suas convicções transcendentais, numa sociedade formada pelo conceito de beleza elevado, oriundas dos grandes filósofos, arquitetos e artistas.

2 CONCÍLIO VATICANO II: AFIRMAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DE NOVAS DIRETRIZES PARA A IGREJA CATÓLICA.

Os templos católicos passaram por grandes modificações no decorrer dos séculos, todavia, grande parte de suas modificações foram adesões às mudanças de estilos e formas de construções dos períodos vigentes. Entre os séculos XX e XXI, a Igreja tenta adaptar-se às novas linguagens e aos novos conceitos arquitetônicos, não só por questões estéticas, mas porque sentiu que precisava abrir-se, para ser entendida num período de tantas mudanças. Com esta finalidade, foi convocado o maior evento católico do século passado, o Concílio Vaticano II, que visava uma mudança radical em toda sua estrutura litúrgica, orgânica e hierárquica.

2.1 O Concílio Vaticano II (1963)

Em um período de grandes transições históricas como foi o século XX, e consideráveis acontecimentos mundiais, a Igreja sentiu-se coagida a dar respostas ao sentido humano neste período de tantas conturbações. O mundo estava passando por um momento auto avaliativo, buscando liberdade de expressão e novas formas de ser e viver. Neste sentido, a Igreja também precisou se abrir para entender os acontecimentos à sua volta, pois a própria identidade da Igreja estava em jogo. A partir de profundas meditações e auto crítica, o Papa João XXIII convoca o mundo cristão para um Concílio: “O Concílio Vaticano II, de fato, foi um evento com o qual a Igreja católica repensou profundamente sua identidade, sua relação consigo mesma e com o mundo.” (Grillo, 2022)

O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi um grande divisor de águas na liturgia e na arte sacra. A concepção de Igreja passou de um “sociedade perfeita” para a de “Igreja Povo de Deus”, comunhão e participação de todos os fiéis: a sacralidade não está nas pedras materiais da Igreja, mas na comunidade cristã, especialmente quando se reúne para celebrar a Eucaristia (cf. LG 30; Sc 7); além de um sacerdócio ministerial, na Igreja, existe o “sacerdócio dos fiéis” (LG 10, 34); a eclesiologia do Concílio de Trento (que dividia dois gêneros de cristãos: clérigos e leigos) foi superada pela eclesiologia do Vaticano II, que tem como ideia fundamental a comunhão de todo o povo de Deus. (Antunes, 2010)

No ano de 1962, um grande evento marcou o rumo da Igreja Católica, o Papa João XXIII convocou representantes de todas as dioceses do mundo e no dia 11 de outubro deste mesmo ano inaugurou, com mais de 3 mil participantes o Concílio Vaticano II.

Desejos de renovação começaram a surgir dentro da Igreja, sobretudo com o Movimento Litúrgico, juntamente com o Movimento Bíblico e o Ecumênico desde os finais do século XIX e início do XX. O Papa Pio X, na Carta Tra le sollecitudini de 1903, fala da sua preocupação por retomar “uma participação ativa nos sagrados mistérios e na oração pública e solene da Igreja”. O Movimento Litúrgico faz-se porta voz desse desejo, por meio de inúmeros seminários em diferentes partes da Europa, insistindo na necessidade de fazer com que os fiéis possam participar, entender e celebrar os Sacramentos, sobretudo a Eucaristia, cuja fonte e centro é o Mistério de Cristo: sua vida, paixão, morte e Ressurreição (CNBB 113, 2021).

Um Concílio é a reunião de representantes da fé Católica de todo mundo, participam os cardeais, arcebispos, bispos, superiores gerais das congregações religiosas e alguns líderes não católicos. Eles representam todos os países onde o catolicismo se encontra. O prefácio do Concílio afirma:

O Sagrado Concílio se propõe a fomentar cada vez mais entre os fiéis a vida cristã; adaptar melhor às necessidades do nosso tempo as instituições que podem ser modificadas; favorecer tudo o que possa contribuir para a união de todos aqueles que creem em Jesus Cristo; e fortalecer tudo o que possa atrair todas as pessoas ao seio da Igreja. Por isso, julgar ter a obrigação de providenciar, de maneira especial, a reforma e o incremento da liturgia. (Concílio Vaticano II Documentos, 2018)

A partir do Concílio surge uma nova compreensão de Igreja, conseqüentemente o lugar de culto também será modificado com propostas segundo a Instrução Geral do Missal Romano e no Ritual de consagração de uma Igreja. A renovação proposta pelo Concílio afeta profundamente o ser eclesial e toda sua estrutura orgânica (Molinero, 2019).

O Concílio foi considerado uma volta às fontes do cristianismo, a simplicidade dos ensinamentos das primeiras comunidades e uma retomada na ideia essencial do significado de Igreja como comunhão de fé, esperança e caridade tendo o Espírito Santo como força unificadora (Lumen Gentium 8;11). Neste contexto de renovação, a busca da valorização da comunidade dos crentes na participação ativa na vida da Igreja se torna a tônica mais forte. A visão hierárquica no sentido piramidal, se torna sem sentido diante da simplicidade evangélica de Jesus, e o entendimento de Igreja

como Povo de Deus, onde todos fazem parte de um mesmo corpo, resulta como central.

A concepção da Igreja como Povo de Deus, colocada em primeiro plano pelo Concílio (LG, cap. II), traz à memória, em primeiro lugar, a natureza pessoal e histórica da Igreja: esta comunidade de crentes não é entendida como resultado de processos naturais necessários, mas como resultado de um ato de benevolência divina na história, que apela para a liberdade humana. A forma social dessa fé é, portanto, pessoal e libertadora, e tem uma estrutura histórica. A escolha livre e histórica feita por Deus é, em segundo lugar, uma opção que liberta da história do pecado, do isolamento da autojustificação e da cegueira da idolatria, e uma opção que leva, ao mesmo tempo, ao serviço em prol da derradeira salvação de todo o mundo. O conceito de Povo de Deus enfatiza, em terceiro lugar, que todos os membros da Igreja formam uma comunhão igualitária. A salvação é unidade, comunhão, reconciliação, unificação (Molinero, 2019).

O evento conciliar realizado no Vaticano, tem um foco especial na relação dos batizados enquanto comunidade e sua aproximação com Deus e com o mundo. Uma das preocupações do Concílio foi com sua forma visível enquanto construção arquitetônica, que é o espaço da reunião dos fiéis. A *Sacrossanto Concilium* afirma:

(...) a finalidade da arquitetura sacra é oferecer à igreja que celebra os mistérios de fé, especialmente a Eucaristia, o espaço mais idôneo para uma condigna realização da sua ação litúrgica: de fato, a natureza do templo cristão define-se precisamente pela ação litúrgica, a qual implica a reunião dos fiéis (eclesial), que são as pedras vivas do templo (Sacrosanctum Concilium 41, 1962)

A renovação oriunda das novas propostas conciliares na Igreja, marcou de forma profunda o significado da liturgia na vida de todos os seus membros. Essa novidade que na verdade é uma volta às fontes, acentua a necessidade de adequação entre liturgia e espaço arquitetônico. Toda a configuração do lugar celebrativo será adaptado às novas regras litúrgicas, será realizado um trabalho em conjunto entre arquitetos, liturgistas e pastores, na tentativa de corresponder às propostas do Concílio Vaticano II (CNBB 113, 2021)

Sendo assim, o Concílio foi o grande propulsor dos arquitetos e artistas do sagrado, incentivando-os nesta nova missão eclesial de adaptações dos templos e construção a partir das atuais propostas litúrgicas.

2.2 Propostas do Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II como já vimos, foi o evento mais importante de nossos tempos, pois afetou todo corpo eclesial católico desde sua forma de celebrar como também sua forma de construir.

A renovação litúrgica assumida pelo Concílio Vaticano II determinou mudança radical no significado a Liturgia na vida dos cristãos, intervindo com uma renovação da estrutura da ritualidade e exigindo a estreita e necessária correlação entre dinâmica litúrgica e a configuração arquitetônica. O esforço que a reforma litúrgica pede aos arquitetos, aos liturgistas e aos pastores é tanto o de construir novas igrejas quanto o de adequar espaços litúrgicos existentes, para que sejam, verdadeiramente, sinais do Sacramento que é a Igreja. (CNBB 113, 2021)

Um das propostas mais fortes e gratificantes do Concílio Vaticano II foi, sem dúvida, a revalorização da assembleia litúrgica, pois existe uma relação profunda entre realização litúrgica e assembleia participativa. A natureza simbólica da liturgia é aberta para a participação da comunidade cristã de forma ativa e efetiva, não mais como assistentes passivos do culto (Molinero, 2019)

As consequências pastorais da concepção da Igreja e do culto que nela se celebra, recuperados pelo Vaticano II, concretizam-se, no referente ao espaço celebrativo, como ícone da eclesiologia, de modo especial na Instrução Geral do Missal Romano e no Ritual da Consagração de uma Igreja... Convém, então, que, ao construir um edifício destinado unicamente e estavelmente à união do Povo de Deus e à celebração das ações sagradas, este seja dedicado ao Senhor em rito solene, de acordo com um antigo costume. Conforme solicitado pela sua natureza, a igreja deve ser adequada para as celebrações sagradas, bela, resplandecente de nobre formosura, e não de mera suntuosidade, e verdadeiro sinal e símbolo das realidades celestes. A disposição geral do edifício deve manifestar, de alguma forma, a imagem do povo reunido, e permitir uma ordem inteligente, bem como a possibilidade de exercer com decoro os vários ministérios (Molinero, 2019).

A partir do Concílio uma nova normativa é dada sobre o conjunto arquitetônico do espaço litúrgico. De agora em diante, a simplicidade e sobriedade serão consideradas significativamente, sem perder a beleza e nobreza artísticas, além de ressaltar o valor de cada cultura.

Conforme o Vaticano II, os princípios gerais que devem reger a estrutura ou o edifício da Igreja são: 1º) Liberdade de estilos artísticos,

atendendo à cultura e à sensibilidade próprias dos povos (SC, n° 123); 2°) Aptidão para uma liturgia comunitária: “Que sejam funcionais, tanto para a celebração das ações litúrgicas como para obter a participação ativa dos fiéis” (SC 124); 3°) Simplicidade e autenticidade: “A ornamentação da Igreja deve visar mais a nobre simplicidade do que a pompa. Na escolha dessa ornamentação, cuide-se da autenticidade dos materiais e procure-se assegurar a educação dos fiéis e a dignidade de todo o local sagrado” (IGMR 279; SC, n° 124); 4°) Aptidão para uma liturgia comunitária: que permita a reunião e a participação do povo, pelo que “ela deve ser preferida à celebração individual ou quase privada” (SC 27); 5°) Capacidade simbólica: “ Os edifícios sagrados e os objetos destinados ao culto divino sejam realmente dignos e belos, sinais e símbolos das realidades divinas” (IGMR n° 253; SC, n° 122-124). (Borobio, 2020)

A Igreja toma uma nova postura a partir do Vaticano II, a busca pela simplicidade e objetividade das origens, coloca a comunidade litúrgica como participante da Eucaristia e não como meros ouvintes (Moliner, 2019). Para tornar visivelmente possível essa realidade de comunhão e participação dos fiéis na liturgia eclesial, os arquitetos são peças fundamentais para a elaboração do espaço acolhedor e celebrativo.

O Concílio Vaticano II em si não escreveu grandes documentos voltados diretamente para a arquitetura sacra, ele deu abertura às mudanças a partir da nova concepção litúrgica. No entanto, deixou o horizonte aberto pra que cada nação se adequasse da melhor forma possível às diretrizes gerais. Cada país reuniu seus teólogos, catequistas, arquitetos e artistas para um estudo profundo a partir das fontes cristãs, e assim, conceber as novas construções dentro de uma visão litúrgica renova.

2.3 Diretrizes litúrgicas nacionais

O templo cristão possui duas realidades visíveis importantes, seu exterior como anúncio do que significa e seu interior como expressão do que se crer e se celebra. As cidades brasileiras são marcadas por construções sacras desde os períodos coloniais. Geralmente as vilas foram formadas ao redor de pequenos oratórios ou capelas devocionais, que mais tarde tornaram-se basílicas, santuários ou paróquias, cada uma dependendo de uma hierarquia de valor simbólico

A Igreja, com suas formas exteriores, talvez tenha sido o espaço que mais variações conheceu ao longo dos séculos. De modo geral, essas variações sempre foram cada vez mais orientada de forma a transmitir à sociedade que rodeava o edifício-igreja a presença de Deus em meio aos homens em maneira simbólica. Esta presença simbólica – que

deveria ficar patente já a partir do espaço externo – em tempos modernos acabou por encontrar uma crise, mas, de modo geral, quase sempre esteve presente como uma forma de comunicação como o meio urbano, ao qual o edifício-igreja deve estar voltado e integrado em maneira dialógica. (Frade, 2007)

A Igreja de forma geral sempre teve preocupação e zelo pelos seus templos, cada época contribuiu com as igrejas de suas cidades e vilas, mas os responsáveis eclesiásticos estiveram à frente das construções, orientando para a sacralidade.

A Igreja nunca considerou um estilo como próprio seu, mas aceitou os estilos de todas as épocas, segundo a índole e condição dos povos e as exigências dos vários ritos, criando deste modo no decorrer dos séculos um tesouro artístico que deve ser conservado cuidadosamente. Seja também, a arte de todos os povos e regiões, desde que sirva com a devida reverência e a devida honra às exigências dos edifícios e ritos sagrados. Assim poderá ela unir a sua voz ao admirável cântico de glória que grandes homens elevaram à fé católica em séculos passados (Sacrosanctum Concilium, 1962).

Desde a chegada dos primeiros padres europeus em terras brasileiras, a Igreja tentou criar espaços de oração e celebração, nunca se ateu às questões de estilos, mas com a funcionalidade do prédio segundo os interesses do culto cristão. Em meados dos séculos XX, mais precisamente após o Concílio Vaticano II, os bispos do Brasil começaram oferecer subsídios que orientassem às novas construções de igrejas e adaptações nos templos históricos.

Constata-se, porém, que as construções das igrejas dos últimos decênios são pouco inspiradoras e, em alguns casos, reproduzem mecanicamente modelos do passado. Há uma necessidade urgente de construir espaços que reflitam a “vida” que existe nas comunidades, espaços de beleza que inspirem e plasmem relações humanas de encontro das pessoas com Deus e com os irmãos. As igrejas precisam manifestar-se como lugares de acolhida, fraternidade, gratuidade, festa e serem sinais visíveis da presença de Deus no meio de seu povo. Independente da proposta arquitetônica ou do partido construtivo, uma igreja nunca pode ser confundida com uma sala de reunião, centro de convenção, cinema ou shopping. A liberdade de expressão na arquitetura tem como ponto de partida a fé professada e a liturgia celebrada. É a liturgia que explica e condiciona o espaço simultaneamente simbólico e funcional (CNBB 106, 2013).

A busca por uma igreja que reflita o tempo em que vivemos é um grande desafio. Como já foi visto, nunca foi preocupação da Igreja as questões de estilos ou partido arquitetônico, mas como seus edifícios dialogariam com a época vigente.

A Igreja precisa de arquitetos, porque tem necessidade de espaços onde congregar o povo cristão e celebrar os mistérios da salvação. Depois das terríveis destruições da última guerra mundial e com o crescimento das cidades, uma nova geração de arquitetos se aglomerou com as exigências do culto cristão, confirmando a capacidade de inspiração que possui o tema religioso relativamente também aos critérios arquitetônicos do nosso tempo, de fato, não raro se construíram templos, que são simultaneamente lugares de oração e autênticas obras de arte. (CNBB 106, 2013)

A beleza da arte sempre caminhou junto com a Igreja, pois a beleza é considerada uma linguagem universal. “A beleza da liturgia exige combinar ambas as coisas, promovendo o encontro em Deus e o homem. Supõe unir a verticalidade a partir da interioridade, e a horizontalidade a partir da admiração.” (Borobio, 2020)

Para promover as decisões do Concílio Vaticano II aqui no Brasil a Igreja por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), busca adaptar primeiramente os templos históricos à nova forma de celebrar.

A primeira necessidade é, portanto, a de se fazer a adequação dos espaços existentes, ou seja, das igrejas construídas antes do Concílio Vaticano II, para que correspondam ao espírito da liturgia da Igreja, principalmente quando se trata de espaços que representem uma arquitetura e arte de reconhecido valor histórico. Entretanto, hoje, se faz necessária também a adequação de grande parte dos espaços celebrativos edificadas ou até mesmo adaptados no pós-Concílio. Em ambos os casos, a adequação litúrgica não pode ser tratada de maneira superficial, exigindo que esse trabalho seja realizado por equipe profissional multidisciplinar. (CNBB 113, 2021)

Para orientar as reformas, adaptações e construções de templos católicos no Brasil, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, ofereceram dois subsídios importantes. O primeiro foi: Orientações para projeto e construção de igrejas e disposição do espaço celebrativo, documento 106, em 2013. Outro documento não menos importante, foi as Orientações para adequação litúrgica, restauração e conservação das Igrejas, documento 113 da coleção estudos da CNBB em 2021.

3 ARQUITETURA SACRA NACIONAL

A arquitetura no Brasil foi marcada pela arquitetura europeia, obviamente já existia uma arquitetura própria dos povos indígenas antes da chegada dos europeus. Com a instalação dos primeiros portugueses, os prédios de relevância foram os templos cristãos, eles eram erguidos nos centros das vilas como pequenos oratórios, ermidas ou capelas dedicadas aos santos católicos. Não houve uma arquitetura puramente nacional nos primeiros séculos, houve adaptações de materiais, mas a forma continuava igual aos modelos europeus.

3.1 Arquitetura simbólica de Claudio Pastro

Não é possível falar de arquitetura sacra em nossos dias sem falar do artista Claudio Pastro, ele desenvolveu um estilo próprio a partir das fontes artísticas cristãs. Utilizou-se da tradição e de refinadas técnicas iconográficas do cristianismo dos primeiros séculos, dando uma nova roupagem e significado para o nosso tempo. Ele resgatou a arte centrada na vida de Cristo, ou seja, uma arte cristocêntrica, em oposição à arte devocional colonial tão marcante nos templos brasileiros. Além de compor um estilo artístico com traços e características inovados, concebeu uma arquitetura que atendeu as orientações do Concílio Vaticano II.

Até então o Brasil utilizou de forma geral estilos arquitetônicos do passado, desde a simplicidade do maneirismo, à suntuosidade do barro e rococó, como uma mera repetição do que já foi construído (Frade, 2007). Com os movimentos modernos vários arquitetos como Lúcio Costa, Oscar Niemeyer entre outros, contribuíram com novos projetos arquitetônicos eclesiais, mesmo antes do Concílio Vaticano II.

A presença significativa e relevante dos edifícios religiosos no contexto urbano é uma constante da cultura religiosa. Uma igreja é um edifício sagrado: não é uma construção com as demais. Não há mais que percorrer as cidades e povoados dos países onde existem comunidades cristãs, de maior ou menor ascendência, para comprovar que uma igreja é um edifício singular com vocação comunicativa. Naturalmente, essa singularidade tem sido vivenciada de diversos modos conforme o momento histórico, o grau de liberdade do qual goza a Igreja, as capacidades e meios artísticos da comunidade local e o grau de evangelização da cultura autóctone (Arias, 2019).

O modelo colonial interpretado na forma e na arte dos templos católicos, foi marcado pelo excesso de altares e imagens devocionais, a maioria das igrejas eram centradas mais em seus padroeiros do que no mistério de Cristo. Mas esta forma de conceber os templos, foi um processo natural desenvolvido historicamente aqui no Brasil desde a chegada dos primeiros europeus. A carência de padres que ajudassem o povo na experiência da fé, fez com que surgissem tipos de devoções não convencionais aos ritos oficiais católicos.

A história da arquitetura religiosa de inspiração cristã no Brasil é restrita aos cinco primeiros séculos posteriores à descoberta do vasto território nacional pela esquadra de Pedro Alvares Cabral. Embora a viagem do descobrimento não tivesse deixado construção religiosa propriamente dita, já no primeiro contato apareceram alguns elementos precursores – ainda que indiretamente – de uma arquitetura, referentes ao culto cristão. Se não havia construção religiosa cristã no Brasil de 1500, é preciso considerar que já em período anterior ao descobrimento havia construções religiosas autóctones produzidas pelas diversas etnias indígenas presentes em Terras de Vera Cruz. É importante notar também que essas construções, ainda quase nada serviam de inspiração para as construções religiosas cristãs no Brasil do período colonial, muito embora seja conveniente lembrar que elementos de traços marcadamente indígenas estarão presentes em algumas igrejas desse primeiro momento de colonização portuguesa, como por exemplo em algumas técnicas construtivas e em determinados objetos de ornamentação. (Frade, 2007)

O artista sacro Claudio Pastro, tenta devolver à Igreja na nova arquitetura, uma arte como experiência de Deus e não como mera decoração, “como a arte sacra é a extensão da liturgia, o artista sacro procura na fonte dos primeiros séculos a sua inspiração. Aqui, entramos no cerne do presente estudo: a iconografia moderna que se inspira na igreja do primeiro milênio e na tradição bizantina” (Antunes, 2010).

A iconografia é um caminho conjunto ao da liturgia e nos revela em plenitude sua ação transformadora. Aquilo que faz o ícone o faz também a liturgia: expressar o conteúdo e o significado da festa litúrgica que se está celebrando. Por isso os ícones são composições cromáticas criadas para acompanhar o ano litúrgico e as celebrações da Igreja revelando progressivamente a economia da salvação. São chamados de festivos por acompanharem a vida cristã na liturgia que celebra o Senhor Jesus (Despóticos para os gregos), sua mãe (theomíticos) e o santos (Agiográficos). (Licari, 2010)

A arte sacra está ligada a beleza e a fé, tornou-se desde os primórdios do cristianismo uma forma de transmissão dos ensinamentos de Jesus Cristo na Igreja. Foi considerado como bíblia dos pobres, num tempo em que poucas pessoas tinham acesso à leitura. No entanto, hoje percebemos uma crise na arte eclesial apontada pelo próprio Pastro:

Hoje, não se faz arte sacra. A arte sacra é apenas um nome. A fealdade, a mediocridade, a vulgaridade, o tédio são hóspedes em muitas de nossas igrejas e capelas, quando aí deveria habitar a beleza, referência para o mundo. A crise na arte sacra indica a crise na vida cristã. Assim os cristãos devem saber distinguir entre o bem e o mal, assim também devem saber distinguir o belo do feio. Esse também é discernimento de ordem espiritual que se deve pedir, na oração, a Deus, em quem “não há menor sombra”. Portanto, é preciso distinguir, até na plástica, o que é ARTE SACRA e o que é ARTE RELIGIOSA. Por exemplo: no ícone da Igreja oriental, na arte budista, não há sombras (Pastro, 2008)

Claudio é considerado um artista divisor de águas no Brasil, ele cria um estilo próprio centrado no Cristo Pantocrator (todo poderoso). A volta da arte catequética e litúrgica é um marco em seus projetos e segue as indicações do Concílio Vaticano II. Segundo Claudio, a arte cristã treina o olhar para o belo e para o bem, condições éticas do cristianismo. A crise artística na Igreja consiste numa crise do olhar, em meios a tantas imagens oferecidas pela sociedade estamos perdendo a capacidade do olhar. A volta às nossas origens orientais, seria um caminho de renovação, pois o cristianismo é uma religião oriental que com passar dos séculos foi perdendo a antropologia do olhar e da contemplação (Pastro, 2008). Essa purificação do olhar direciona a verdadeira contemplação do Cristo, por meio da arquitetura sagrada é criado uma cosmologia que leva o ser humano a entrar no mistério encarnado.

No centro da iconografia paleocristã é marcadamente visível a figura de Cristo vista em todas as suas angulações. A iconografia dos séculos III e IV resulta assim inteiramente cristológica e cristocêntrica, não existindo ainda de fato uma iconografia mariana ou dos santos antes do século V. (Licari, 2010)

O espaço celebrativo segundo Claudio, é o lugar do mistério em que se aprende a ser cristão pela escuta da Palavra e oração no caminho de purificação do subjetivismo psicológico. Trata-se do lugar que faz memória à Páscoa de Jesus Cristo, por meio dos ritos celebrativos, escutamos, cantamos, adoramos e experimentamos

o Corpo Místico do Senhor, o espaço sagrado é o lugar do encontro entre Deus e a comunidade (Pastro, 2008).

Diferentemente dos antigos templos pagãos, que eram pequenos e recebiam as imagens de um ou mais ídolos para uma oração subjetiva e individual, o espaço cristão serve para reunir, para encontros, e juntos (Povo de Deus/Corpo Místico) celebram os mistérios de seu Único Deus. Portanto, o espaço celebrativo deve das condições para acolher o mistério que aí se celebra e seus convivas. O espaço do mistério é um espaço de oração objetiva: vem até nós, fala uma só língua, une a todos. Assim, é bom que todos zelem pela unidade representativa do espaço, pois essa unidade refletirá na unidade de cada pessoa e da comunidade. (Pastro, 2008)

Para Pastro o espaço sagrado é muito mais que uma construção orientada pela religião, trata-se de “um receptáculo que permite à graça manifestar-se e é a unidade representativa do espaço que refletirá na unidade e identidade do cristão” (Pastro 2008). Toda arquitetura sacra deve ser orientada para a comunidade que busca Deus, “quem organiza um espaço (arquitetura, artes plásticas, música etc.) organiza, ao mesmo tempo, sua mente e coração” (Pastro, 2008).

Fazer arquitetura para o sagrado é um trabalho delicado, como percebemos, não se trata de decorar igrejas, mas de dar significado visível a tudo o que a Igreja crer e celebra. Neste sentido o espaço de celebração torna-se lugar de manifestação de Deus ao seu povo, por isso, a arquitetura sacra mantém sua importância através dos séculos, é uma construção simbólica. Claudio Pastro teve grande zelo e preocupação com a busca do verdadeiro significado da arte cristã litúrgica, arte que ensina e celebra a fé na ressurreição de Jesus. O edifício de pedra torna-se um edifício espiritual, onde o invisível da fé se torna visível na liturgia.

3.2 Propostas de reformas para as igrejas nacionais

Por muitos séculos a Igreja Católica no Brasil não desenvolveu algum tipo de orientação oficial para a edificação dos edifícios sacros nas dioceses e casas religiosas. Tudo se desenvolveu naturalmente a partir daquelas orientações já conhecidas e a partir dos ritos sacramentais realizados nos templos. As igrejas na sua maioria foram construídas primeiramente pelas ordens religiosas e depois por

confrarias, que eram grupos religiosos particulares com instituto próprio, giravam em torno de alguma devoção, por exemplo confrarias das Almas, confraria da Paixão, etc.

Evidentemente, os colonizadores portugueses e os missionários das diversas ordens que por aqui aportaram trouxeram consigo os modelos dos espaços de culto que já conheciam, impondo alguma modificação à implantação destes, dadas as exigências colocadas pelo partido arquitetônico. Estas exigências, postas já no primeiro contato do elemento europeu com as terras brasileiras, eram devidas em grande parte às dificuldades climáticas e à escassez de recursos de toda ordem, como até mesmo a falta de mão-de-obra qualificada na colônia apenas nascentes (Frade, 2007).

Em meios às mudanças de estilos arquitetônicos e artísticos, a Igreja tenta se adaptar ainda que lentamente a cada época. No entanto, não direciona as suas construções impondo regras rigorosas à sua forma. Somente após o Concílio Vaticano II que teremos as primeiras diretrizes para os arquitetos e artistas. Na constituição conciliar *Sacrosanctum Concilium* no número 127, enfatiza a importância de se criar escolas acadêmicas de arte para a formação de artistas em sua própria região.

Por si mesmo, ou através de sacerdotes competentes dotados de conhecimento e amor à arte, os bispos acompanhem os artistas para orientá-los sobre a Arte sacra e a santa Liturgia. Além disso, é bom criar escola ou Academia de Arte Sacra para a formação dos artistas, nas regiões em que isto for viável. Todos os artistas que, levados pela inclinação natural, queiram servir à glória de Deus na santa Igreja, recordem-se de que o seu trabalho é, de certo modo, uma sagrada imitação de Deus criador, e que suas obras são destinadas ao culto católico, à piedade e edificação dos fiéis, e também à sua instrução religiosa (*Sacrosanctum Concilium*, 2018).

A Igreja em todas as épocas teve ligada aos grandes artistas e arquitetos, essa aproximação significa a busca pela beleza, pois para o cristianismo a beleza é um dos atributos de Deus. Assim, a arquitetura cristã é cheia de significado, por isso o desejo de se ter documentos que orientassem os artistas e arquitetos a nível nacional.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em sua sequência de estudos sobre a Igreja e sua missão, oferece alguns documentos de suma importância para os arquitetos e artistas. O primeiro documento foi o Estudos da CNBB 106, do ano de 2013 com o título; Orientações para projeto e construção de Igrejas e disposição do Espaço Celebrativo. Outro documento não menos importante, foi o

Estudos da CNBB 113, do ano de 2021, bem recente, e tem como tema as Orientações para adequação litúrgica, restauração e conservação das igrejas. Ambos documentos têm o intuito de ajudar à Igreja a nível nacional, partindo das novas perspectivas da evangelização. Em um dos documentos mais importantes para a Igreja Latino-Americana e Caribenha, que foi o Documento de Aparecida do ano de 2007, percebemos o crescente desejo de renovação e todas as áreas da Igreja.

A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Ela não pode fechar-se frente àqueles que só veem confusão, perigos e ameaças ou àqueles que pretendem cobrir a variedade e complexidade das situações com uma capa de ideologias gastas ou agressões irresponsáveis. Trata-se de confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários. Isso não depende tanto de grandes programas e estruturas, mas de homens e mulheres novos que encarnem essa tradição e novidade, como discípulos de Jesus Cristo e missionários de seu Reino, protagonistas de uma vida nova para uma América Latina que deseja reconhecer-se com a luz e a força do Espírito (Documento de Aparecida, 2007).

A busca por uma renovação eclesial a partir de nosso tempo, onde a Igreja seja capaz de falar a partir de uma linguagem atual, ou seja, tornar o Evangelho compreensível ao ser humano contemporâneo é o grande desafio. Para isto, a arte e arquitetura consideradas linguagens universais, tornam-se o grande veículo de comunicação evangélica da Igreja em nosso tempo. O arquiteto e o artista sacro devem estar imbuídos do sentimento religioso, ele não é um simples construtor de paredes, mas construtor de uma linguagem capaz de converter o olhar do ser humano em direção ao Criador.

O primeiro documento oficial da CNBB para construção de igrejas a nível nacional, foi um trabalho realizado por várias competências da área. Um trabalho oriundo de propostas e experiências de artistas, arquitetos e liturgistas de todo Brasil.

Há anos a Equipe do Setor do Espaço Litúrgico está refletindo e partilhando ideias e propostas, com a colaboração de liturgistas, arquitetos e artistas do Brasil de destinta sensibilidade e deferentes competências. Com a nossa alegria e satisfação, eles e elas entregaram este “subsídio que oriente as comunidades que se propõe a construir ou reformar seus espaços celebrativos e demais estruturas comunitárias”. Subsídio esperado por nossas Igrejas Locais e por todas as pessoas envolvidas na arte da construção dos espaços de celebração (CNBB 106, 2013).

O próprio Concílio orienta a formação de comissões para o cuidado da arte e arquitetura destinadas à celebração litúrgica. Sob esta orientação da CNBB desde 1964 realiza seu 1º Encontro Nacional de Liturgia voltada para a formação da sensibilidade artística e em agosto de 1971 propõe o Documento-Base sobre a Arte Sacra e cuidados com os templos na sua conservação e adaptação. Muitos eventos foram realizados no campo da arquitetura e arte sacra, em 1996 em Vitória (ES) é realizado o I Encontro Nacional de Arte Sacra, em 2000, a CNBB cria dentro da Comissão Episcopal Pastoral para a Liturgia o setor de Arte Sacra, futuramente denominado como Espaço Litúrgico (CNBB 113, 2021).

4. IDENTIFICAÇÃO DAS ADEQUAÇÕES DO ESPAÇO SAGRADO PARA A LITURGIA NAS IGREJAS DA DIOCESE DE NAZARÉ

Por questões de organização a Igreja Católica está dividida pelo mundo em dioceses, todas estão ligadas ao Vaticano na pessoa do Papa, líder universal da Igreja. Cada diocese é composta por um bispo que trabalha em união com um clero local.

Nos termos do Cânon 369 do Código de Direito Canônico, a diocese é definida como:

A Diocese é uma porção do povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do Presbitério, de modo tal que, unindo-se ela a seu Pastor e, pelo Evangelho e pela Eucaristia, reunida por ele no Espírito Santo, constitua uma Igreja particular, na qual está verdadeiramente presente e operante a Igreja de Cristo una, santa, católica e apostólica. (Código de Direito Canônico)

A diocese de Nazaré está situada em Pernambuco, atualmente abrange as cidades desde a área litorânea como Goiana até o agreste com a cidade de Vertentes. A Diocese de Nazaré é composta por 41 paróquias e 4 áreas pastorais, que estão divididas em sete regiões pastorais: Carpina, Goiana, Limoeiro, Nazaré, Orobó, Surubim e Timbaúba. A figura 8 mostra um recorte da forma atual da organização da Diocese de Nazaré (Revista Comemorativa, 2018):

Figura 8: mapa das Regiões Pastorais de diocese de Nazaré



Fonte: Revista Comemorativa, 2018.

Região Pastoral Carpina

- 01 – Carpina – Paróquia S. C. de Jesus
- 02 – Carpina – Paróquia Santo Antônio
- 03 – Carpina – Paróquia São José
- 04 – Chã de Alegria – Paróquia N. Sra. do Rosário
- 05 – Guadalajara – Área Pastoral N. Sra. Auxiliadora
- 06 – Lagoa do Carro – Paróquia N. Sra. da Soledade
- 07 – Lagoa de Itaenga – Paróquia São Sebastião
- 08 – Paudalho – Paróquia Divino Espírito Santo

Região Pastoral Limoeiro

- 01 – Cumaru – Paróquia Santa Teresinha
- 02 – Feira Nova – Paróquia São José
- 03 – Glória do Goitá – Paróquia N. Sra. da Glória
- 04 – Limoeiro – Paróquia N. Sra. da Apresentação
- 05 – Limoeiro – Paróquia N. Sra. do Carmo
- 06 – Limoeiro – Paróquia São Sebastião
- 07 – Passira – Paróquia N. Sra. da Conceição
- 08 – Salgadinho – Paróquia N. Sra. das Dores

Região Pastoral Nazaré

- 01 – Aliança – Paróquia N. Sra. das Dores
- 02 – Buenos Aires – Paróquia N. Sra. do Bom Parto
- 03 – Itaquitanga – Paróquia São Sebastião
- 04 – Nazaré da Mata – Paróquia N. Sra. da Conceição
- 05 – Tracunhaém – Paróquia Santo Antônio
- 06 – Vicência – Paróquia Sant'Ana

Região Pastoral Timbaúba

- 01 – Camutanga – Paróquia N. Sra. do Rosário
- 02 – Ferreiros – Paróquia N. Sra. da Conceição
- 03 – Macaparana – Paróquia N. Sra. do Amparo
- 04 – Timbaúba – Paróquia N. Sra. da Conceição
- 05 – Timbaúba – Paróquia N. Sra. das Dores
- 06 – São Vicente Férrer – Paróquia São V. Férrer

Região Pastoral Goiana

- 01 – Condado – Paróquia N. Sra. das Dores
- 02 – Goiana – Paróquia N. Sra. do Rosário
- 03 – Goiana – Área Pastoral São Lourenço
- 04 – Itambé – Paróquia N. Sra. do Desterro

Região Pastoral Orobó

- 01 – Bom Jardim – Paróquia Sant'Ana
- 02 – João Alfredo – Paróquia N. Sra. da Conceição
- 03 – Machados – Paróquia São Sebastião
- 04 – Orobó – Paróquia N. Sra. da Conceição

Região Pastoral Surubim

- 01 – Casinhas – Área Pastoral N. Sra. das Dores
- 02 – Frei Miguelinho – Paróquia São José
- 03 – Sta. M^a do Cambucá – Paróquia N. Sra. do Rosário
- 04 – Surubim – Paróquia São José
- 05 – Surubim – Paróquia São Sebastião
- 06 – Vertente do Lério – Área Pastoral N. Sra. das Victórias
- 07 – Vertentes – Paróquia São José

Em 02 de agosto foi criada a Diocese de Nazareth pelo Papa Bento XV, com a Bula Archidiocesis Olindensis et Recifensis; desmembrada totalmente da Arquidiocese de Olinda e Recife, dia marcante para a comunidade nazarena. Localizada na Região Norte do Estado de Pernambuco, compreendendo 18 paróquias; Nazareth, Vicência, Lagôa Secca, Timbaúba, Ó de Goyanna, Tijucupapo, Goyanna, Itambé, Tracunhãem, Cruangy, Floresta dos Leões, Limoeiro, São Vicente, Bom Jardim, Queimadas, Taquaritinga, Santa Cruz e Surubim (Revista Comemorativa 2018).

A Diocese de Nazaré completou 100 anos, e em um século de história não há registro de nenhum tipo de documento que fosse regulamentador das construções sacras em território diocesano. No âmbito arquitetônico e artístico, o acervo da diocese é bastante rico e catalogado com obras sacras de inestimável valor. A paróquia mais antiga deste território canônico se encontra na cidade de Goiana, área litorânea da diocese, que também abriga uma das construções mais antigas do Brasil, a igreja de São Lourenço de Tejucupapo.

Iniciando as análises sobre a situação de algumas construções das principais igrejas do território diocesano, a partir de fotos e documentos, vamos observar as mudanças realizadas a partir das orientações do Concílio Vaticano II e das diretrizes da CNBB.

O método de abordagem será utilizado o hipotético-dedutivo porque a partir de uma hipótese que vai ser comprovado ou não no decorrer da pesquisa. O método de procedimento será o método histórico e o estudo de caso.

Sobre o tipo de pesquisa será uma pesquisa explicativa, apresentar o assunto e explicar a partir da utilização de fontes textuais, visitas em loco e utilização de ferramentas de designer visual do Autocad[®] e Paint[®].

Sobre as técnicas de pesquisas será feito, pesquisa bibliográfica no principal teórico a saber, Claudio Pasto e nas fontes documentais do Concílio Vaticano II.

Abaixo encontraremos de forma organizada a partir das regiões pastorais cada igreja matriz e o respectivo ano de sua elevação canônica como paróquia. Na maioria das vezes o templo é anterior ou posterior ao ano de sua elevação canônica como paróquia. Marcaremos na a cor azul em cada região pastoral as paróquias selecionadas para nosso estudo.

As igrejas escolhidas foram algumas mais antigas, sobretudo as de destaque na diocese. Como são muitas, optamos pelas 12 mais consideradas e conhecidas.

REGIÃO PASTORAL CARPINA

CIDADE	PARÓQUIA	EREÇÃO CANÔNICA
Paudalho	Espírito Santo	22/06/1804
Carpina	São José	22/02/1910

Chã de Alegria	N.S. do Rosário	02/07/1937
Lagoa do Carro	N.S. da Soledade	13/05/2002
Lagoa de Itaenga	São Sebastião	19/01/2004
Carpina	Santo Antônio	15/06/2006
Carpina	Coração de Jesus	27/02/2007
Paudalho	N.S. Auxiliadora	04/03/2011

REGIÃO PASTORAL GOIANA

CIDADE	PARÓQUIA	EREÇÃO CANÔNICA
Goiana	São Lourenço	1555
Goiana	N.S do Rosário	1568
Itambé	N.S. do Desterro	02/01/1679
Condado	N.S. das Dores	01/01/1929

REGIÃO PASTORAL LIMOEIRO

CIDADE	PARÓQUIA	EREÇÃO CANÔNICA
Limoeiro	N.S. da Apresentação	16/06/1779
Glória do Goitá	N.S. da Glória	06/05/1837
Cumaru	Santa Teresinha	02/01/1946
Passira	N.S. da Conceição	02/09/1985
Feira Nova	São José	19/03/1997
Limoeiro	São Sebastião	30/11/2008
Salgadinho	N.S. das Dores	25/03/2009
Limoeiro	N.S. do Carmo	19/07/2015

REGIÃO PASTORAL NAZARÉ

CIDADE	PARÓQUIA	EREÇÃO CANÔNICA
Nazaré da Mata	N.S. da Conceição	30/04/1839
Vicência	Santa Ana	05/05/1879
Aliança	N.S. das Dores	02/09/1949
Itaquitinga	São Sebastião	20/01/2000
Buenos Aires	N.S. do Bom Parto	14/02/2009
Tracunhaém	Santo Antônio	04/06/2010

REGIÃO PASTORAL OROBÓ

CIDADE	PARÓQUIA	EREÇÃO CANÔNICA
Bom Jardim	Santa Ana	29/12/1757
Orobó	N.S. da Conceição	10/01/1918
João Alfredo	N.S. da Conceição	28/10/1941
Machados	São Sebastião	19/03/1986

REGIÃO PASTORAL SURUBIM

CIDADE	PARÓQUIA	EREÇÃO CANÔNICA
Santa Maria do Cambucá	N.S. do Rosário	06/01/1945
Vertentes	São José	20/01/1930
Surubim	São José	06/06/1981
Surubim	São Sebastião	20/01/1988
Frei Miguelinho	São José	08/07/2006
Casinhas	N.S. das Dores	23/12/2012

Vertente do Lério	N.S. das Vitórias	15.08.2023
-------------------	-------------------	------------

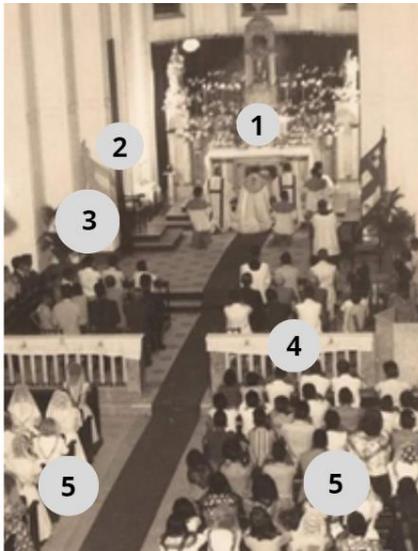
REGIÃO PASTORAL TIMBAÚBA

CIDADE	PARÓQUIA	EREÇÃO CANÔNICA
São Vicente Ferrer	São Vicente Ferrer	30/04/1864
Timbaúba	N.S. das Dores	28/05/1873
Macaparana	N.S. do Amparo	03/04/1935
Ferreiros	N.S. da Conceição	13/05/2006
Timbaúba	N.S. da Conceição	09/05/2009
Camutanga	N.S. do Rosário	13/08/2010

Neste tópico iremos analisar algumas das igrejas mais antigas do território da diocese de Nazaré. Para melhor compreender o processo de mudanças nestas igrejas precisamos visualmente entender como era o rito da missa. A missa era celebrada voltado para um altar no fundo da nave principal das igrejas, os sacerdotes ficavam de pé em frente deste mesmo altar para celebrar a missa toda em latim.

Como vemos nas figuras 9 e 10, o ritual da missa era todo voltado para o altar principal da igreja. Nesta foto podemos contemplar uma cerimônia realizada na catedral de Nazaré da Mata antes do Concílio Vaticano II, no ano de 1962.

Figura 9: Celebração da Missa no rito romano



Fonte: Sem data

Figura 10: Celebração da missa catedral de Nazaré da Mata



Fonte: Sem data

Legenda:

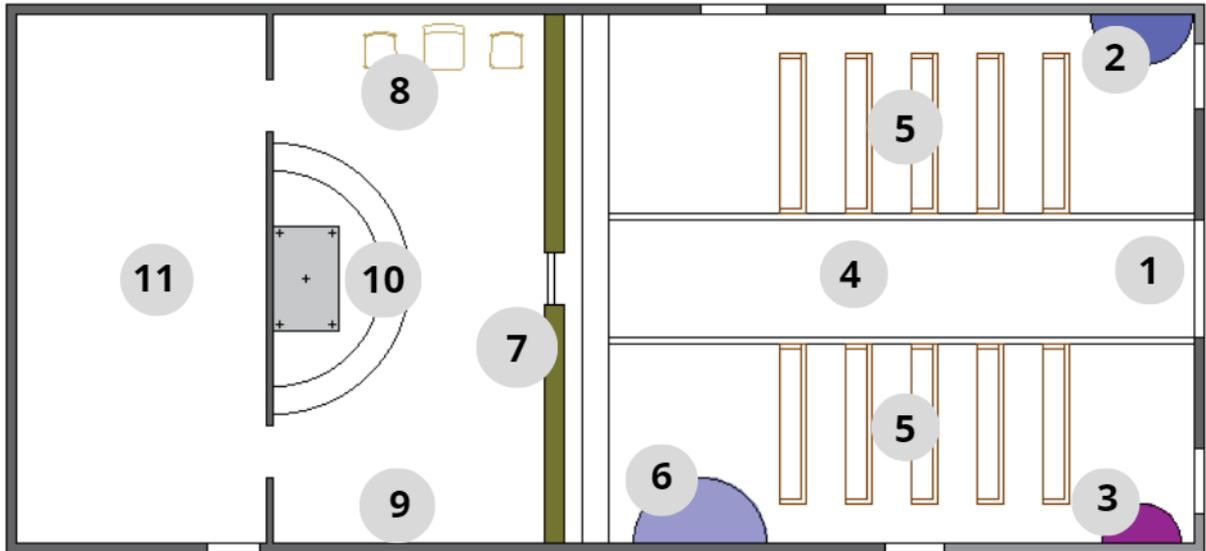
1. Altar
2. Cátedra, pois está na catedral
3. Epístola, onde se fazia as leituras bíblicas

4. Balaustrada ou mesa da comunhão
5. Assembleia dos fiéis

Obs: Nesta época era comum somente os homens e autoridades assistir a missa na parte de dentro da balaustrada.

Na figura 11 temos a forma como era disposto qualquer templo católico antes do Concílio Vaticano II. Cada numeração equivale a um lugar sagrado de realização da liturgia da missa e dos sacramentos que é a celebração do batismo e da confissão.

Figura 11: Modelo de igreja antes do Concílio Vaticano II



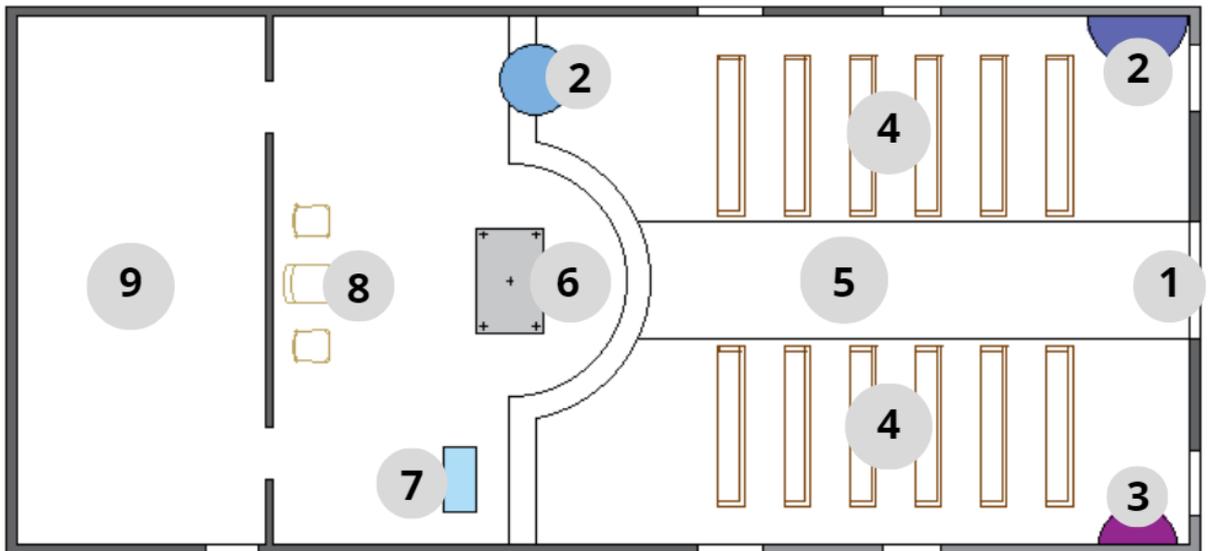
Fonte: Autor, 2023

Legenda:

- | | |
|------------------------|------------------------------------|
| 1. Entrada principal | 7. Balaustrada ou mesa da comunhão |
| 2. Batistério | 8. Sedia ou cátedra |
| 3. Confessionário | 9. Epístola |
| 4. Nave Central | 10. Altar-mor |
| 5. Assembleia de fiéis | 11. Sacristia |
| 6. Púlpito | |

A figura 12 apresenta a nova disposição do espaço litúrgico após o Concílio:

Figura 12: Modelo de igreja depois do Concílio Vaticano II

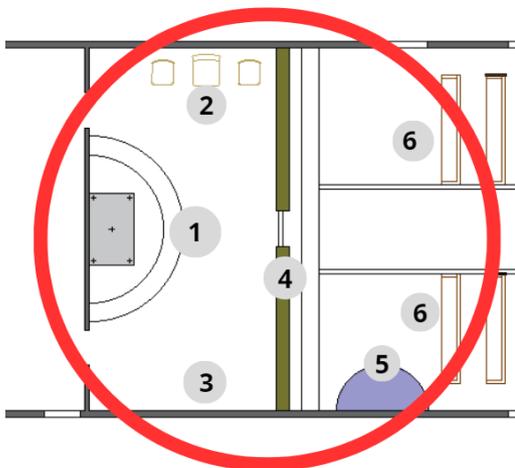


Fonte: Autor, 2023

Legenda:

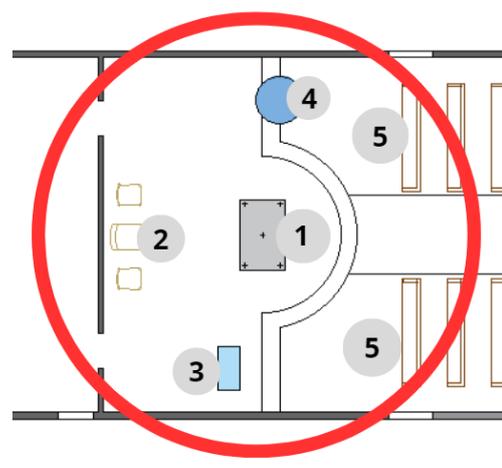
- | | |
|---|---------------------|
| 1. Entrada principal | 6. Altar |
| 2. Batistério: pode ser na entrada ou no próprio presbitério próximo ao altar | 7. Ambão |
| 3. Confessionário | 8. Sedia ou cátedra |
| 4. Assembleia litúrgica | 9. Sacristia |
| 5. Nave central | |

Figura 13: Modelo de presbitério antes do Concílio Vaticano II



Fonte: Planta baixa editada no Paint®

Figura 14: Modelo de presbitério após o Concílio Vaticano II



Fonte: Planta baixa editada no Paint®

Legenda:

- | | |
|------------------------------------|-------------------------|
| 1. Altar | 1. Altar |
| 2. Sedia ou cátedra | 2. Sedia ou cátedra |
| 3. Epístola | 3. Ambão |
| 4. Balaustrada ou mesa da comunhão | 4. Batistério |
| 5. Púlpito | 5. Assembleia litúrgica |
| 6. Assembleia de fiéis | |

Quando comparamos as figuras 13 e 14 percebemos que a principal mudança orientada pelo Concílio Vaticano II consistiu em colocar o altar no centro da igreja. Outra mudança importante foi a retirada da balaustrada ou mesa da comunhão, a mesma separava os fiéis do altar. Também notamos no número 3 da legenda a colocação de um ambão. O ambão fica no lugar que antes se fazia a epístola, serve

para ler as passagens do Antigo Testamento e a proclamação do evangelho, além da pregação ou homilia do sacerdote.

Devemos ter em vista a presença de três elementos fundamentais para nortear nossa análise: o altar, o ambão e a sedia. Estes elementos configuram todo o espaço litúrgico, pois na liturgia católica Jesus se manifesta como rei na sedia, como profeta no ambão e como sacerdote no altar, pois Ele mesmo se oferece como vítima. Antes do Concílio Vaticano II, esses três elementos não estavam tão claros para a comunidade litúrgica. Após o Concílio percebemos o destaque destes três espaços da presença de Jesus ressuscitado. Primeiramente o altar será colocado no centro e o sacerdote se volta para a assembleia, nas igrejas antigas o altar-mor continua fixado na parede ao fundo, no entanto cai em desuso. O ambão é outro espaço que ganha notoriedade, pois neste lugar são feitas as leituras das sagradas escrituras.

A dignidade da Palavra de Deus requer na igreja um lugar condigno de onde possa ser anunciada e para onde se volte espontaneamente a atenção dos fiéis no momento da liturgia da palavra. De modo geral, convém que esse lugar seja uma estrutura estável e não uma simples estante móvel. O ambão seja disposto de tal modo em relação. À forma da igreja que os ministros possam ser vistos e ouvidos facilmente pelos fiéis. Do ambão são proferidas as leituras, o salmo responsorial e o precônio pascal; também se podem proferir a homilia e a oração universal ou dos fiéis. A dignidade do ambão exige que a ele suba somente o ministro da palavra. (instrução do missal romano, 2023)

A sedia tem sua importância como o lugar daquele que preside a celebração litúrgica, fique “bem a vista dos fiéis, de maneira que o celebrante apareça realmente como presidente da assembleia, evitando-se a feição de trono, procurando-se harmonizá-la com a celebração da Palavra” (Menezes, 2006).

Na figura 15 encontramos o modelo pelo qual conduzirá nossa análise, pois a partir de fotos e planta baixa teremos noção se as igrejas escolhidas conseguiram colocar na prática as propostas do Concílio Vaticano II e da CNBB.

Figura 15: Espaço litúrgico pós concílio Vaticano II



Fonte: Pinterest®

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

As análises a seguir serão realizadas da seguinte forma; uma breve identificação da paróquia, ano da construção do templo quando possível ou da ereção canônica, cidade e padroeiro. Utilização de fotografias da fachada de cada uma delas e de seu interior com seus altares, ambão e sedia. Identificação das adequações litúrgicas do espaço, se neles encontramos os principais elementos; altar, ambão e sedia. Utilização de planta baixa criadas no Autocad®.

4.1 Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário de Goiana

A igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário se encontra na cidade de Goiana e faz limite com a arquidiocese de Olinda e Recife. Enquanto paróquia é considerada uma das mais antigas do Brasil, no entanto o templo que sedia não é do mesmo período de sua ereção canônica. A nossa análise é feita a partir do templo atual, aproximadamente do ano de 1600 (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 16: Fachada da matriz de N.S. do Rosário



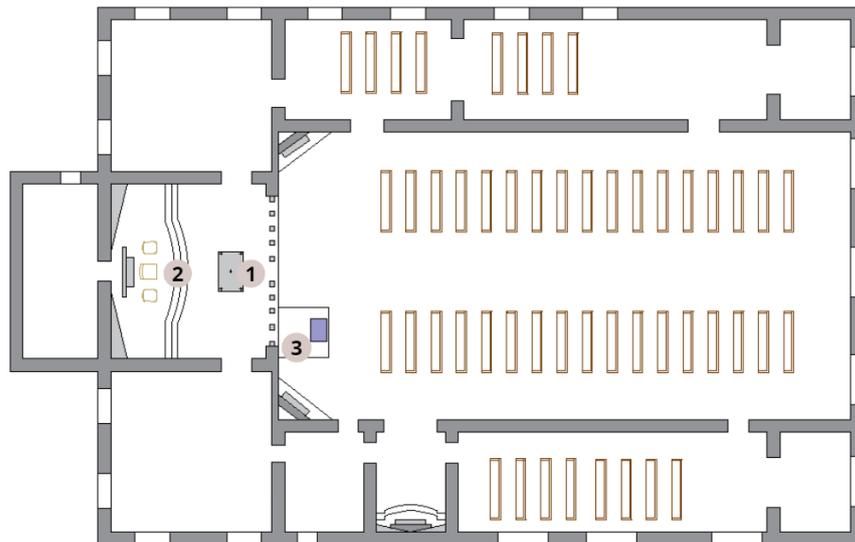
Fonte:

Figura 17: Interior da matriz de N.S do Rosário



Fonte:

Figura 18: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

Com vemos nas imagens acima, notamos que o templo conseguiu manter suas características barrocas tanto no frontispício como em seu interior. Sobre a possibilidade de adequação litúrgica, o presbitério que é o espaço onde ocorre os principais movimentos da missa, conseguiu se adequar sem nenhuma danificação do patrimônio histórico e artístico.

4.2 Igreja de São Lourenço – Goiana

A igreja de São Lourenço é considerada como uma das mais antigas do Brasil. Está localizada no distrito de Tejucupapo pertence ao município de Goiana. O templo atual foi construído no século XVI em estilo chão destaca-se pela simplicidade e austeridade das formas. Seu frontispício é formado por um frontão triangular e óculos, acima uma cruz ladeada por dois pináculos um em cada lado e uma torre sineira. Seu padroeiro é São Lourenço mártir (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 19: Fachada da matriz de São Lourenço



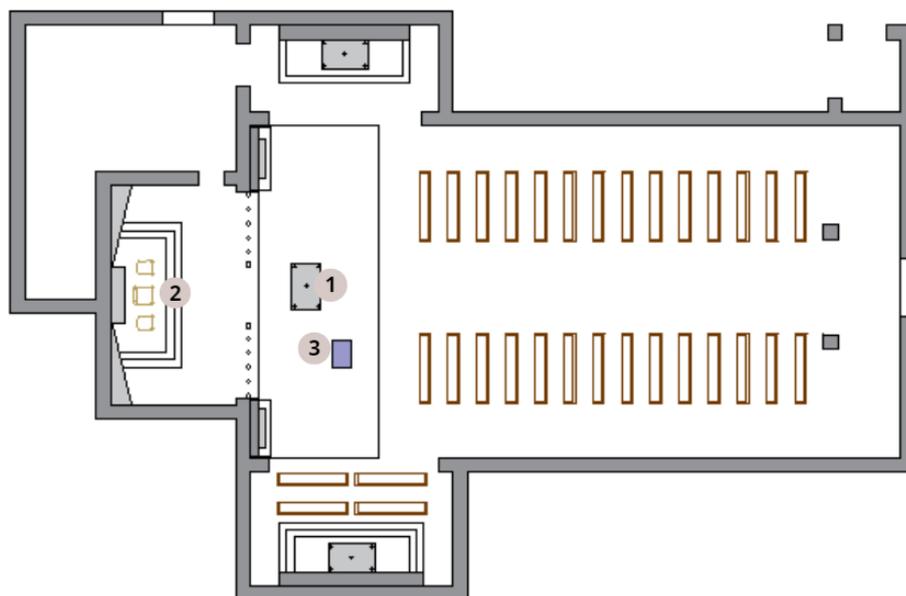
Fonte:

Figura 20: Interior da matriz de São Lourenço



Fonte:

Figura 21: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

Como notamos pelas fotos, as características de seu interior são simples, no entanto muitas partes foram realizadas em cantaria. O altar, ambão e sedia foram colocados no presbitério sem danos ao que havia, houve uma preocupação para que os novos móveis integrados não desarmonizassem com o estilo existente.

4.3 Igreja de Nossa Senhora do Desterro – Itambé

A igreja de Nossa Senhora do Desterro de Itambé se tornou paróquia no ano de 1834 e pertencia a Arquidiocese de Olinda e Recife. Sua forma construtiva é única no território da diocese de Nazaré (Revista Comemorativa, 2018)..

Figura 22: Fachada da matriz de N.S. do Desterro



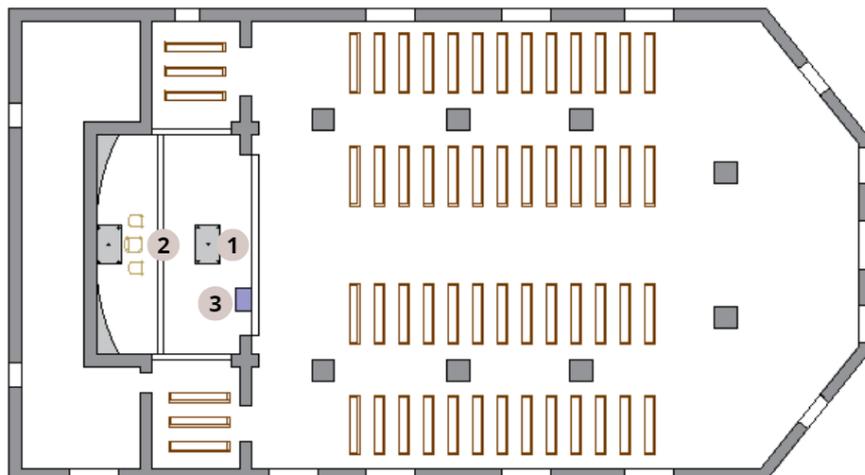
Fonte: Autor, 2023

Figura 23: Interior da Matriz de N.S. do Desterro



Fonte: Autor, 2023

Figura 24: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

No seu interior as principais características construtivas se mantiveram. Um destaque para o altar-mor feito em alvenaria seguindo harmoniosamente o estilo do templo. O espaço sagrado além do altar principal, se destaca pela forma construtiva de seu interior toda ladeada com arcos na parte do piso e na parte superior, conhecido como coro. O templo não passou por descaracterizações significativas como ocorridas em outras igrejas da diocese, onde seus altares principais foram demolidos.

No que diz respeito as novas normas litúrgicas para adaptações e reformas, a igreja foi capaz de se adequar sem precisar demolir ou modificar de forma grotesca as características antigas do templo. A posição do altar da missa, sedia e ambão foram colocados de forma suave e harmônica.

4.4 Igreja de Nossa Senhora das Dores – Timbaúba

A igreja matriz de Nossa Senhora das Dores em Timbaúba, iniciou sua construção no ano de 1869 no lugar de uma antiga capela dedicada à mesma padroeira e durou 12 anos. Mas a atual igreja sede da paróquia foi edificada por volta do ano de 1929 pelo monsenhor José Marques da Fonseca (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 25: Fachada da matriz de N.S. das Dores



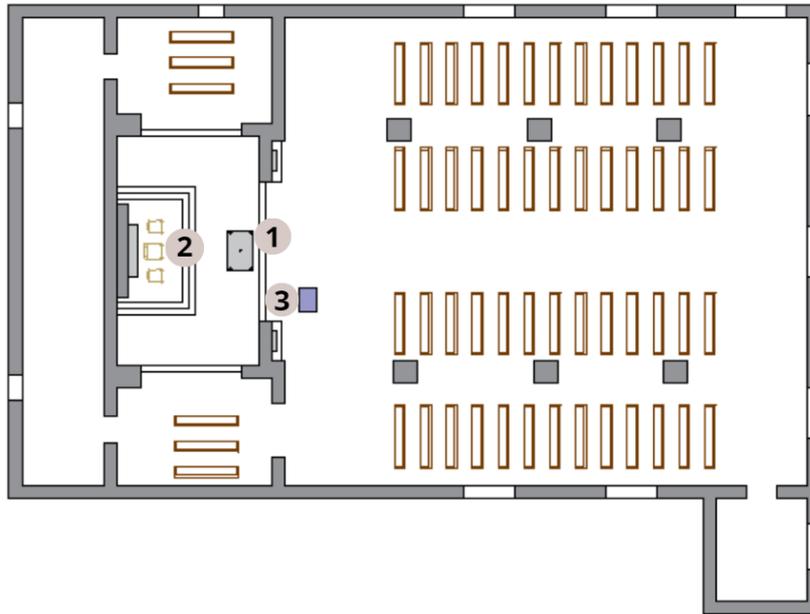
Fonte: Autor, 2023

Figura 26: Interior da matriz de N.S. das Dores



Fonte: Autor, 2023

Figura 27: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

A quase centenária fachada da igreja se manteve intacta desde o período de sua construção. Chama a atenção pela suntuosidade e harmonia, a mesma se encontra no centro da cidade, sendo o prédio que se destaca entre os demais. Interiormente encontramos os 3 altares principais intactos, o altar-mor da padroeira ao fundo e nas laterais os altares do Coração de Jesus e Santa Teresinha. Sabemos por fotos e informações dos fiéis que houve modificações, mas que, não atingiram os principais monumentos do templo, que são seus altares.

Seguindo as novas diretrizes sobre as mudanças necessárias nos templos, percebemos através de fotos e visitas, que a mesma foi capaz de se adequar sem grandes modificações no seu espaço arquitetônico.

4.5 Igreja de Nossa Senhora do Amparo – Macaparana

A matriz de Nossa Senhora do Amparo, pertenceu à Paróquia de goiana inicialmente e depois à paróquia de São Vicente Ferrer. No dia 3 de abril foi canonicamente consagrada como paróquia pelo bispo Dom Ricardo Vilela (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 28: Fachada da matriz de N.S do Amparo



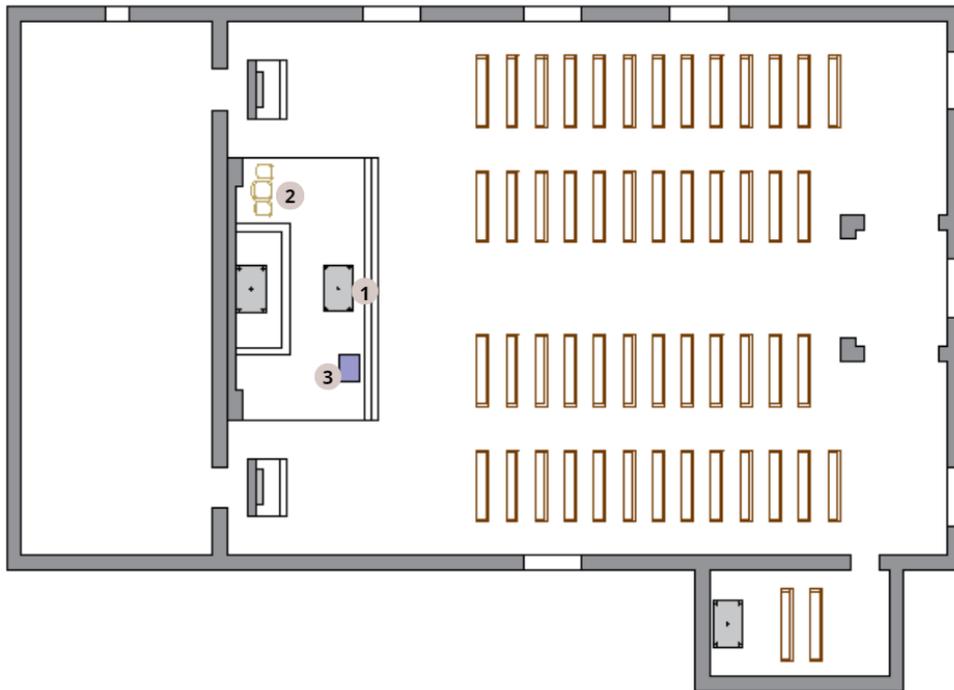
Fonte:

Figura 29: Interior da matriz de N.S. do Amparo



Fonte:

Figura 30: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

O templo já fora modificado diversas vezes perdendo algumas características, há alguns anos passados precisou de uma ampliação fazendo com que fossem demolidos seus 3 altares; o da padroeira, e os laterais. Após a ampliação foi reconstruído réplicas de seus altares antigos na mesma disposição de outrora. Como foi construída totalmente a parte do altar-mor, as adequações litúrgicas ficaram

incluídas na tentativa de harmonizar a reconstrução. A posição do altar da missa, sedia e ambão foram satisfatórios para o novo rito da missa.

4.6 Igreja de Nossa Senhora da Conceição – Orobó

A igreja de Nossa Senhora da Conceição de Orobó no ano de 1918, por decreto de Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra foi erigida como paróquia (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 31: Fachada da matriz de N.S. da Conceição



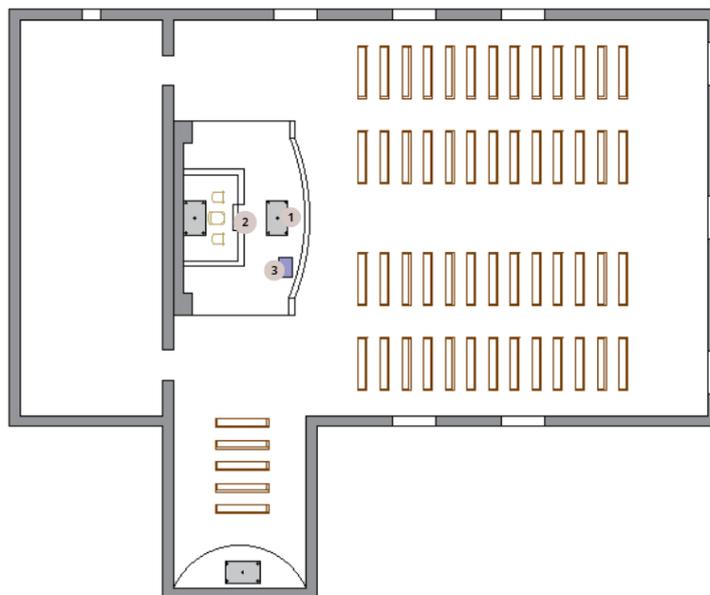
Fonte:

Figura 32: Interior da matriz de N.S. da Conceição



Fonte:

Figura 33: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

Altar	Sedia	Ambão
-------	-------	-------

Antes da construção da matriz, existia uma pequena capela por volta do ano de 1792 cuja referências não temos. A atual matriz possivelmente seja próxima a data da sua criação como paróquia. É de conhecimento dos paroquianos que há poucos anos foi realizado uma grande reforma, mantendo de original a fachada e paredes laterais. No entanto, o altar-mor foi demolido e reconstruído uma réplica na parte nova do templo. Seu altar-mor se inspira em altares neogóticos. Com a reforma para ganhar mais espaço o novo altar da missa, sedia e ambão se adaptaram bem ao novo espaço, como um presbitério amplo e harmonioso (Revista Comemorativa, 2018).

4.7 Igreja de Santana – Bom Jardim

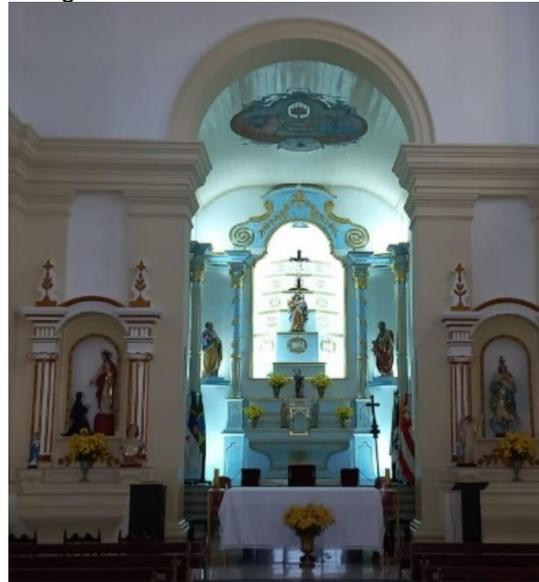
A matriz de Santana de Bom Jardim tem grande relevância na diocese de Nazaré. No seu interior abriga imagens sacras de inestimável valor do século XVIII. Sua ereção canônica é datada do ano de 1757 (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 34: Fachada da matriz de Santana



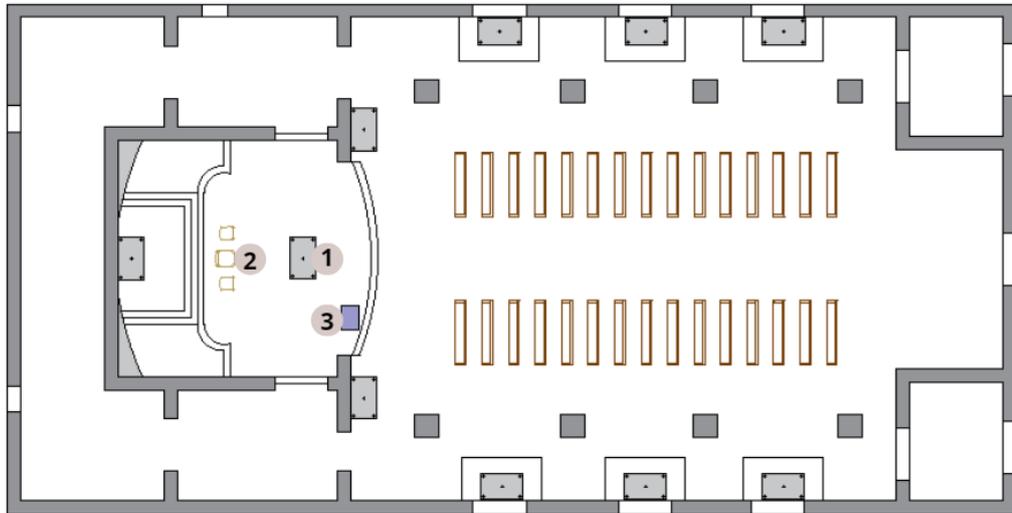
Fonte: Autor, 2023

Figura 35: Interior da matriz de Santana



Fonte: Autor, 2023

Figura 36: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

O templo de Santana é histórico, apesar das modificações em sua fachada ainda mantém sua monumentalidade. A igreja se encontra no alto de uma colina no centro da cidade. No seu interior conservam vários altares lateais dedicados aos santos de devoção da comunidade. Todos os altares são feitos em alvenaria, só o altar-mor que foi esculpido em madeira de cedro. O aspecto antigo ainda se conserva no seu interior, ainda que tenha passado por algumas modificações. As normas litúrgicas do Concílio Vaticano II foram contempladas sem grandes danificações no aspecto estético do templo. A sedia, o ambão e o altar da missa, harmonizam com a construção existente.

4.8 Igreja de Nossa Senhora da Apresentação – Limoeiro

A paróquia de Nossa Senhora da Apresentação, foi criada no ano de 1779 pelo bispo Dom Frei Tomaz da Encarnação Costa Lima (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 37: Matriz de N.S. da Apresentação



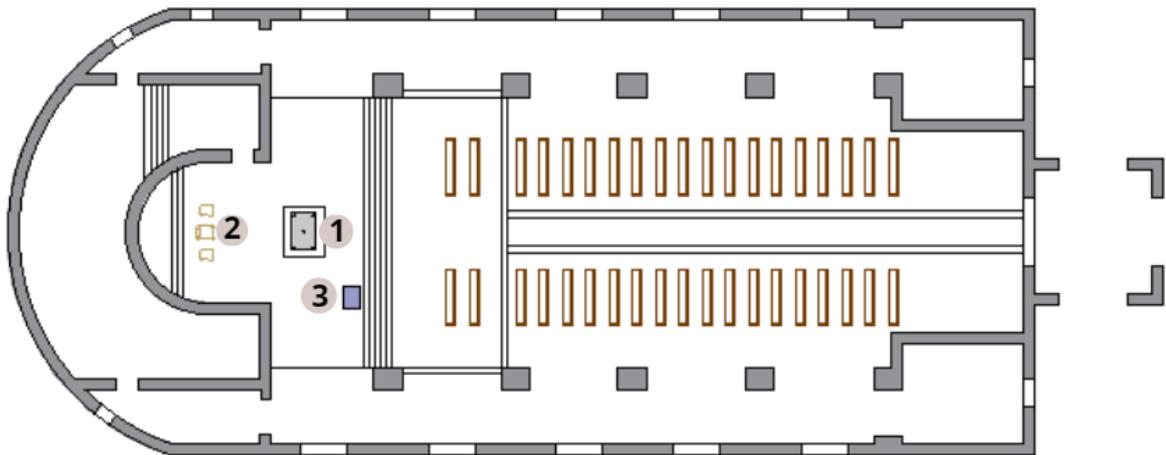
Fonte: Autor, 2023

Figura 38: interior da matriz de N.S. da Apresentação



Fonte: Autor, 2023

Figura 39: Planta baixa editada no Paint®

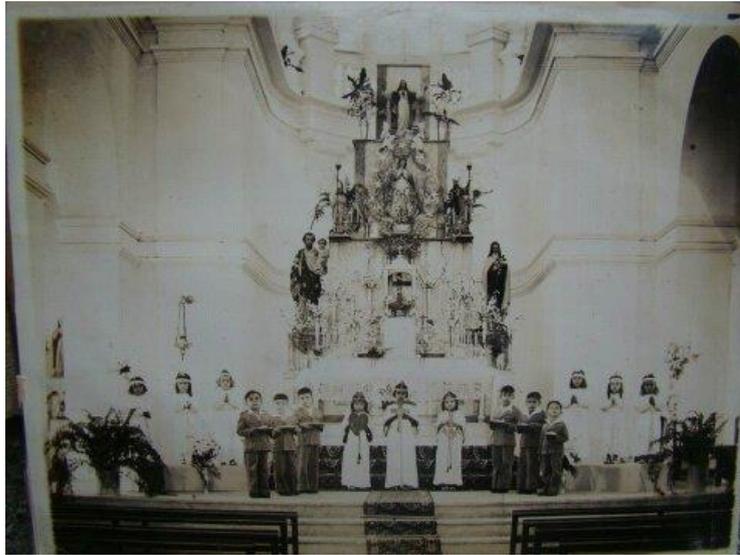


Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

A atual construção da matriz não é a mesma da fundação da paróquia, a que temos hoje é do início do século XX. Sua conjuntura externa lembra o estilo neogótico, mas interiormente foge do aspecto externo sem perder sua harmonia. Infelizmente o altar-mor antigo foi demolido na década de 60, além de alguns pequenos nichos com imagens de santos, que ficavam nas laterais também foram removidos. Temos aqui um caso de adaptação litúrgica grotesca, onde houve uma grave descaracterização do aspecto original da construção. Veremos na figura 40 uma imagem do altar antigo antes de sua demolição total.

Figura 40: Antigo altar da Matriz de N.S. da Apresentação



Fonte: Sem data

As orientações litúrgicas nunca indicaram demolições de altares em prol da nova ordem dada pelo Concílio Vaticano II. Infelizmente houve muitos equívocos na época, por isso perdemos verdadeiras obras de arte com a destruição de nichos, altares e até mesmo templos inteiros.

Após a demolição do antigo altar-mor, foi adaptado no mesmo local o novo altar seguido do ambão e da sedia.

4.9 Igreja de Santo Antônio – Tracunhaém

A igreja de Santo Antônio de Tracunhaém faz parte de um dos templos mais antigos da diocese de Nazaré. Canonicamente foi consagrada 1742, mas no ano de 1922 por motivos diversos a mesma paróquia fora desinstalada e integrada a paróquia vizinha de Nazaré da Mata. Somente dia 4 de junho de 2010, quase um século depois, ela volta a ser paróquia novamente (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 41: Fachada matriz de Santo Antônio



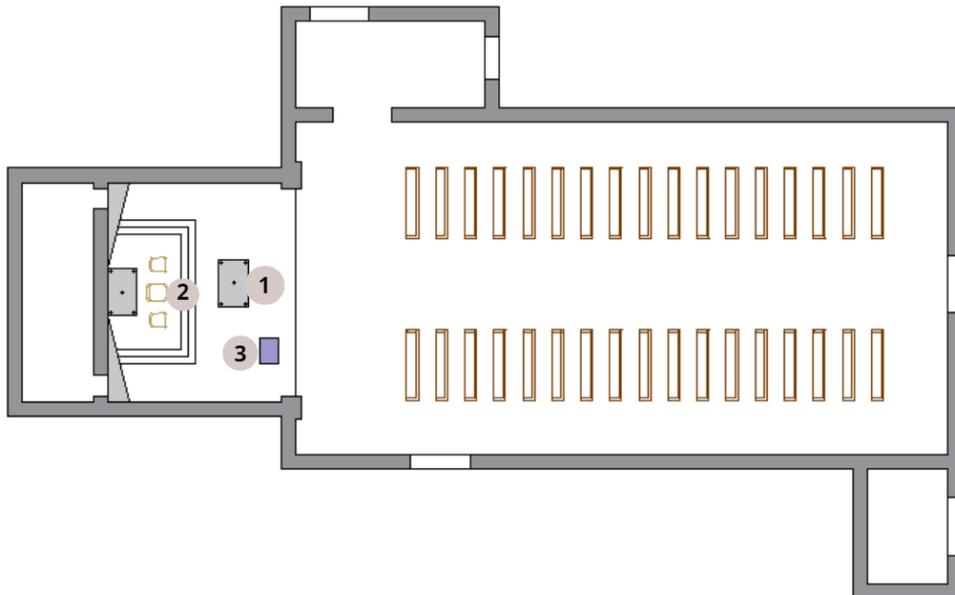
Fonte: Autor, 2023

Figura 42: Interior da matriz de Santo Antônio



Fonte: Autor, 2023

Figura 43: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

Ainda que não seja do século XVI, a construção segue o estilo chão, com formas elementares e simples, detalhes da portada e janelas superiores em cantaria e uma torre sineira lateral. Interiormente é composta por um belíssimo retábulo barroco dedicado a Santo Antônio, São Pedro e Nossa Senhora das Dores. Existiu altares laterais, mas infelizmente foram demolidos. Atualmente o altar-mor não tem

mais as pigmentações originais, se encontra na cor da madeira. No que diz respeito às normas litúrgicas, constatamos que houve adequação litúrgica sem modificação do espaço. A incrementação do novo altar, sedia e ambão seguem a mesma concepção estética do retábulo barroco.

4.10 Igreja do Divino Espírito Santo – Paudalho

A capela do divino Espírito Santo foi desmembrada da paróquia de Igarassu em agosto de 1799 e elevada como paróquia no dia 22 de junho de 1804 (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 44: Matriz do Espírito Santo



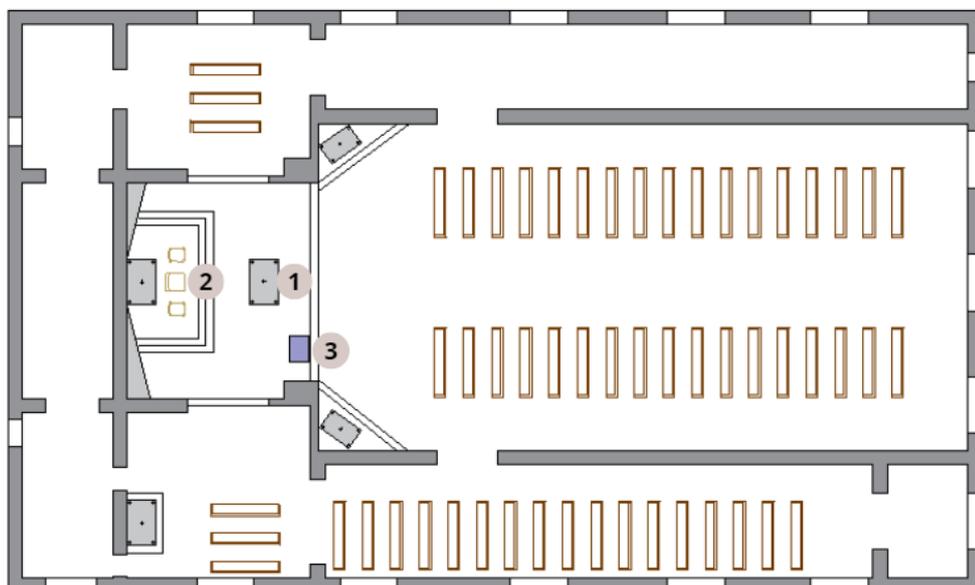
Fonte: Autor, 2023

Figura 45: Interior da matriz do Espírito Santo



Fonte: Autor, 2023

Figura 46: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

A matriz do Espírito Santo é mais um importante edifício barroco da diocese de Nazaré, seu aspecto original ainda se conserva, seu retábulo principal e mais 2 altares laterais todo esculpido em madeira. As mudanças litúrgicas de adequação do espaço sacro não afetaram negativamente seu caráter original, tudo se conserva, mas com as devidas e necessárias mudanças. Houve uma tentativa em harmonizar os novos móveis com o estilo barroco da igreja. O altar, ambão e sedia compuseram o presbitério de forma harmônica, alcançando assim, o objetivo desejado.

4.11 Igreja de São Vicente – São Vicente Ferrer

São Vicente Ferrer foi elevada a paróquia em 30 de abril de 1864, mas o atual templo só foi concluído em 1936 (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 47: Fachada da matriz de São Vicente



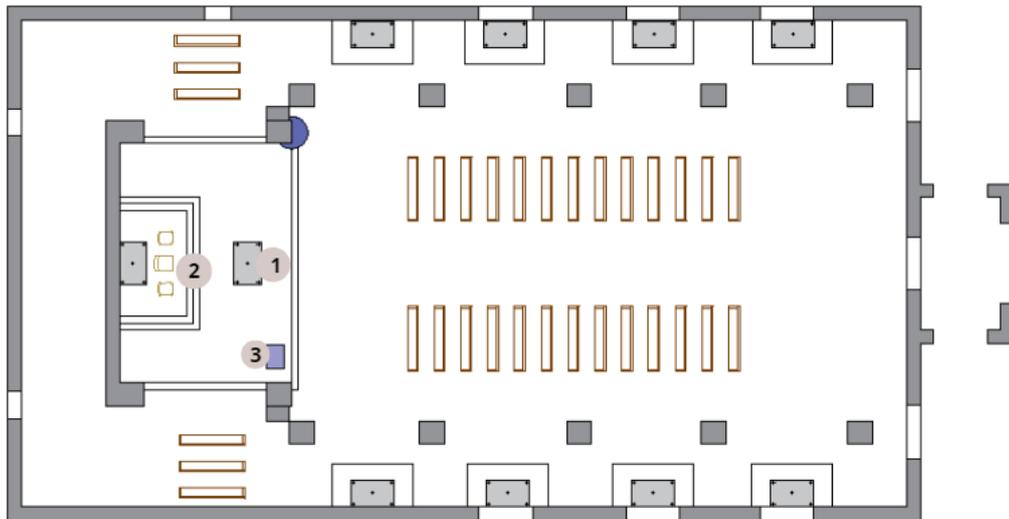
Fonte: Autor, 2023

Figura 48: Interior da matriz de São Vicente



Fonte: Autor, 2023

Figura 49: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. ambão
----------	----------	----------

A igreja de São Vicente é um belo exemplo de arquitetura, utiliza-se de alguns elementos neogóticos como por exemplo as formas das portas e janelas. Mantém em seu interior todos os altares da época de sua construção. Está composta pelo retábulo principal dedicado ao padroeiro, mais um conjunto de altares laterais dedicados à devoção da comunidade. Mesmo com a reforma litúrgica, não houve grandes danificações ao tempo, é sabido que foi realizado algumas reformas sem danificar de forma violenta seu aspecto original. O novo altar, ambão e sedia, atenderam as novas diretrizes do Concílio.

4.12 Igreja Catedral de Nossa Senhora da Conceição – Nazaré da Mata

Na hierarquia de importância dos templos em nosso território diocesano, a igreja de Nossa Senhora da Conceição é o templo mais importante, não por sua antiguidade, mas por ser a sede da diocese. Neste templo se encontra a cátedra do bispo, sendo assim, a mesma passa se chamar igreja catedral. Foi elevada à paróquia em 30 de abril do ano de 1839 (Revista Comemorativa, 2018).

Figura 50: Fachada da Catedral de N.S. da Conceição



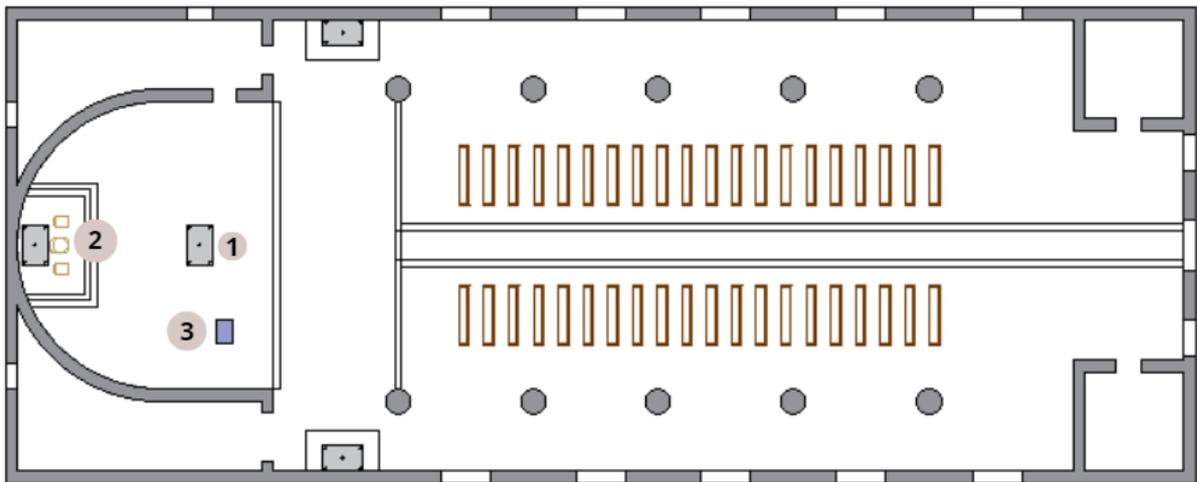
Fonte: Autor, 2023

Figura 51: Altar conservado no interior da Catedral de N.S. da Conceição



Fonte: Sem data

Figura 52: Planta baixa editada no Paint®



Fonte: Autor, 2023

1. Altar	2. Sedia	3. Ambão
----------	----------	----------

O atual templo não pertence a mesma data de sua ereção canônica, mas foi construído no mesmo local que a original no ano de 1858 pelo famoso missionário capuchinho Frei Caetano de Messina. O edifício mantém sua composição clássica com colunas romanas. No seu interior não se conserva mais o retábulo original da época de sua construção, mas foi substituído por outro altar de mármore na figura 51 vindo da Europa poucas décadas antes do Concílio Vaticano II. Ainda existe registro fotográfico de como seria seu aspecto original. No entanto, com a nova reforma

litúrgica conciliar, as mudanças não afetaram a harmonia do templo. Cada móvel foi colocado no lugar desejado, altar, ambão e sedia.

A seguir temos uma tabela com o nome de cada paróquia e suas respectivas cidades, e ao lado o conjunto dos principais móveis utilizados após a reforma do Concílio Vaticano II. Os móveis são: o altar, ambão e sedia. A maioria das igrejas analisadas por fotos e visitas ao local, se mostraram favoráveis às modificações tanto do Concílio, como as diretrizes para construção e reformas da CNBB. Nos casos analisados foram escolhidas as igrejas mais antigas do território eclesiástico da diocese de Nazaré, em que seus templos ainda conservam seu aspecto original ou pelo menos sua antiguidade em relação à sua construção. O que percebemos foi que, das paróquias escolhidas, somente uma demoliu seu altar original para se adequar ao Concílio, no entanto, esse não foi o desejo proposto pela Igreja. A matriz de Nossa Senhora da Apresentação de Limoeiro perdeu um belo patrimônio construído em mármore, segundo os fiéis da época. Segundo os mesmos fiéis o então pároco o cônego Fernando Passos, tirou o altar-mor por um erro de interpretação pessoal do Concílio. Na tabela encontramos de azul as igrejas que demoliram seus altares para reformas, mas reconstruíram, como no caso da igreja de Nossa Senhora do Amparo de Macaparana. Também encontramos marcado de azul a catedral de Nazaré da Mata por ter perdido seu altar original, mas manteve até os dias atuais seu altar antes do Concílio e a matriz de Nossa Senhora da Apresentação.

Tabela 01: Paróquias analisadas

PARÓQUIA	CIDADE	ALTAR	AMBÃO	SEDIA
N.S do Rosário	Goiana	X	X	X
São Lourenço	Goiana	X	X	X
N.S. do Desterro	Itambé	X	X	X
N.S. das Dores	Timbaúba	X	X	X
N.S. do Amparo	Macaparana	X	X	X
N.S. da Conceição	Orobó	X	X	X
Santana	Bom Jardim	X	X	X
N.S. da Apresentação	Limoeiro	X	X	X
Santo Antônio	Tracunhaém	X	X	X
Divino Espírito Santo	Paudalho	X	X	X
São Vicente	S. Vicente Ferrer	X	X	X
N.S. da Conceição	Nazaré da Mata	X	X	X

Segundo a tabela 01, todas as igrejas mais antigas da diocese de Nazaré conseguiram de adequar às novas diretrizes do Concílio Vaticano II e as orientações pastorais da CNBB, sem grandes perdas, exceto as já citadas. Cada templo com suas peculiaridades buscou desenvolver da melhor forma possível as adaptações litúrgicas da nova forma de celebrar o rito romano da missa.

5. CONCLUSÃO

Os motivos pelos quais foram direcionados essa pesquisa, conforme apresentados na Introdução, são: analisar os templos católicos da diocese de Nazaré, sobretudo os mais antigos, e se os mesmos conseguiram adequar seu espaço litúrgico, segundo às determinações do Concílio Vaticano II em seus decretos e documentos e as diretrizes da CNBB.

Por se tratar de um trabalho de conclusão de curso, com critérios determinados e objetivos, foi preciso determinar um limite, pois o tema é amplo e ainda causa certo confronto de linha de pensamento dentro da Igreja. Neste sentido, o recorte escolhido foram as igrejas da diocese de Nazaré, precisamente os templos considerados mais importantes pelo seu contexto histórico e antiguidade.

No decurso da pesquisa, percebeu-se através dos documentos produzidos no Concílio Vaticano II, que o mesmo não sugeriu a demolição ou descaracterização dos templos históricos. Na verdade, houve uma preocupação em preservar o que existia, como fonte de transmissão da fé dos antepassados e promover um diálogo entre o passado e o presente. A pesquisa levou a descobrir o que realmente o Concílio desejou e sua intenção a partir da elaboração de seus documentos. Houve muita precipitação na interpretação do Concílio, informações cruzadas, numa época em que a comunicação era lenta. Os documentos conciliares de certa tardaram a chegar no Brasil, pois tudo vinha diretamente do Vaticano na década de 1964. Os bispos do Brasil depois de alguns anos após o Concílio, diante das demolições e descaracterizações do patrimônio histórico nacional, começaram a criar diretrizes de preservação e adaptação litúrgica dos templos. Muitos padres modificaram seus templos a partir daquilo que eles mesmos entenderam, ou seja, houve um cruzamento de informações onde, a partir daquele momento, todos os templos deveriam ser simples e desnudar-se de seus ornamentos, em nome da pobreza e austeridade. Inúmeras imagens e retábulos de inigualável valor simplesmente desapareceram, muitas foram vendidas, outras doadas, várias roubadas, gerando assim um imenso desconforto nos fiéis.

A pesquisa foi iniciada no seu primeiro capítulo, com o aprofundamento daquilo que é o centro da fé cristã, a celebração da ressurreição de Jesus Cristo. Esta

celebração é chamada de liturgia, ou seja, é o culto de adoração prestado à Deus como forma de manifestação da fé. O próprio significado de Liturgia foi extremamente necessário, como base de elaboração de todo nosso trabalho acadêmico. Se fez necessário o estudo da trajetória da liturgia cristã, pois a mesma quando mudava algo em seu aspecto celebrativo, afetava diretamente a forma construtiva a partir daquele momento. Nesta perspectiva, a arquitetura dependia profundamente dos atos celebrativos e dos dogmas da fé.

Para adentrar num tema tão importante para o conhecimento pessoal e eclesial, foi necessário voltar às origens da própria Igreja. O segundo capítulo explana o Concílio Vaticano II como volta às fontes, segundo o papa idealizador do Concílio, João XXIII, a Igreja precisava de novos ares, necessitava urgentemente abrir as portas e janelas para deixar a Igreja mais leve e acessível. Pois a Igreja da época tinha se tornado extremamente fechada e aversa a tudo que fosse considerado “mundano”. Era difícil o diálogo com uma instituição que se considerava como “sociedade perfeita”. Neste contexto o Concílio, de fato, abriu não só as portas da Igreja, mas sobretudo seu pensamento numa tentativa de dialogar com a sociedade e o mundo.

No terceiro capítulo buscou-se apresentar e valorizar alguém que tivesse colaborado significativamente com as novas diretrizes conciliares. Dentro desse universo destacou-se o artista Cláudio Pastro, de saudosa memória. Ele é considerado como um dos maiores artistas sacros do período pós concílio aqui no Brasil e internacionalmente, a sua arte e seus projetos buscaram uma arquitetura catequética e mistagógica. Em âmbito nacional, Claudio Pastro foi um divisor de águas, seu nome se transformou num estilo sofisticado e sóbrio. A beleza de sua arte e arquitetura se deu pelo fato de ser centrado na figura do Cristo Pantocrator, ou seja, o Senhor que sustenta tudo. Sua fonte de inspiração são as origens do cristianismo e o período bizantino. Ele devolve à Igreja a figura do Cristo glorioso, pois o período colonial intensificou bastante a figura do Cristo sofredor na cruz. Pastro idealizou templos totalmente dentro do espírito conciliar. Sua arquitetura era catequética, ou seja, ensinava por meio dos traços, pela disposição do mobiliário, pela posição da luz, e das texturas dos materiais terrosos. Neste capítulo, também, além das apreciações de Claudio Pastro, levou-se em consideração as diretrizes da CNBB, pois o mesmo as seguia fielmente como guia de bolso.

No quarto e último capítulo está o coração da pesquisa. Primeiramente apresentou-se a diocese escolhida e sua forma organizacional, depois foram listadas todas as paróquias cada uma em sua região pastoral. Dessa lista de paróquias foram escolhidas as principais igrejas e por fim foi analisado se as mesmas foram capazes de se adequar às novas orientações litúrgicas. Após visitar todas as paróquias da diocese e escolher as igrejas mais importantes por sua antiguidade, cada uma foi analisada em seu aspecto arquitetônico e estilo artístico. A análise se deu por meio de visitas, estudo da planta baixa, por fotos e falas dos próprios fieis de cada templo, além de acessos a documentos nas próprias paróquias.

Segundo as hipóteses levantadas, todas as igrejas atenderam aos critérios concebidos pelo Concílio Vaticano II. No seu aspecto teológico, litúrgico, catequético e arquitetônico, todos os templos a seu modo tentaram e conseguiram se adequar às novas concepções litúrgicas. Na prática houve grande impacto, muitos não entenderam, foi necessário anos e boa formação para que tais adequações fossem efetivas não nos templos, mas, sobretudo, na concepção mental das comunidades católicas da época. Enfim, após mais de 60 da celebração do Concílio Vaticano II, todas as comunidades paroquiais, capelas, basílicas, mosteiros e catedrais estão completamente adequadas as exigências do Concílio de 1962.

REFERÊNCIAS

- Constituição **Sacrosanctum Concilium**. In **Documentos do Concílio Vaticano II – documentos**. Brasília. CNBB, 2018.
- BECKHAUSER, Frei Alberto. **Liturgia: Iniciação à Teologia**. Petrópolis – RJ. Vozes, 2019.
- GUARDINI, Romano. **Espírito da Liturgia**. São Paulo. Cultor livros, 2018.
- AUGÉ, Matias. **Ano Litúrgico: É o próprio Cristo presente na sua Igreja**. São Paulo. Paulinas, 2019.
- BOROBIO, Dinísio. **Dimensão Estética da Liturgia: arte sagrada e espaços para celebração**. São Paulo. Paulus, 2010.
- MOLINERO, D. Marcelo Antônio Audelino. **O Espaço celebrativo como ícone da eclesiologia para uma teologia do espaço litúrgico**. São Paulo. Paulus, 2019.
- Blog sobre Roma (<https://www.enroma.com/catacumbas-de-priscila>) 25.11.2023
- BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- ROUET, Albert. **A Missa na história**. São Paulo. Paulinas, 1981.
- ANSON, Peter F. **A construção de igrejas**. Rio de Janeiro. Renes, 1969.
- Blog <https://www.voupraroma.com/basilica-de-sao-paulo-fora-dos-muros-em-roma/> 20.11.2023
- CASEL, Odo Dom. **O mistério do culto no cristianismo**. São Paulo. Loyola, 2011.
- Blog Histórias de Roma (<https://historiasderoma.com/2018/06/19/o-edito-de-milao/>) 19.06.2023.
- GRILLO, Andrea. **Para além de Pio V: a reforma litúrgica após a Traditionis custodes**. São Paulo. Paulus, 2022.
- CNBB. **Orientações para adequação litúrgica, restaurações e conservação das igrejas. Estudos da CNBB 113**. Brasília. CNBB, 2021.
- FRADE, Gabriel. **Arquitetura Sagrada no Brasil. Sua evolução até às vésperas do Concílio Vaticano II**. São Paulo. Loyola, 2007.
- ARIAS, Fernando López. **Projetar o espaço sagrado. O que é e como se constrói uma igreja**. Brasília. Ed. CNBB, 2019.

ANTUNES, Otávio Ferreira. **A beleza como experiência de Deus**. São Paulo. Paulus, 2010.

LICARI, Severino. **O Ícone uma escola de oração**. São Paulo. Loyola, 2010.

PASTRO, Claudio. **O Deus da Beleza, a educação através da beleza**. São Paulo. Paulinas, 2012.

DOCUMENTO DE APARECIDA. **Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo. Ed. CNBB, 2015.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001.

Revista Comemorativa 2018, Diocese de Nazaré 100 anos.

INSTRUÇÃO DO MISSAL ROMANO, Ed. CNBB. São Paulo, 2023

MENEZES, Ivo Porto. **Arquitetura Sagrada**. São Paulo, Loyola, 2006.